



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



Mariana Paula Oliveira

Ser ou apare-ser: eis a questão!
Uma lógica possível de construção identitária adolescente
no mundo virtual

UBERLÂNDIA

2011



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



Mariana Paula Oliveira

Ser ou apare-ser: eis a questão!
Uma lógica possível de construção identitária adolescente
no mundo virtual

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia Aplicada.

Área de Concentração: Psicologia Aplicada

Orientador(a): Prof^a. Dr^a. Maria Lúcia Castilho Romera

UBERLÂNDIA
2011



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

O48s
2011 Oliveira, Mariana Paula, 1983-
 Ser ou apare-ser : eis a questão! Uma lógica possível de construção identitária adolescente no mundo virtual / Mariana Paula Oliveira. – 2011.
 124 f. : il.

Orientadora: Maria Lúcia Castilho Romera.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Psicologia.
Inclui bibliografia.
1. Psicologia - Teses. 2. Psicologia aplicada - Teses. 3. Redes de relações sociais - Teses. 4. Identidade (Psicologia) - Teses. I. Romera, Maria Lúcia Castilho. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDU: 159.9



Mariana Paula Oliveira

Ser ou apare-ser: eis a questão!

**Uma lógica possível de construção identitária adolescente
no mundo virtual**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia Aplicada.

Área de Concentração: Psicologia Aplicada

Orientador(a): Prof^a Dr^a Maria Lúcia Castilho Romera

Banca Examinadora

Uberlândia, 16 de setembro de 2011

Prof^a. Dr^a. Maria Lúcia Castilho Romera
Orientador (UFU)

Prof. Dr. Luiz Carlos Avelino da Silva
Examinador (UFU)

Prof. Dr. Leda Maria Codeço Barone
Examinador (Centro Universitário Fieo)

Prof^a. Dr^a. Marciana Gonçalves Farinha
Examinador Suplente (UFG)

**UBERLÂNDIA
2011**



IP/UFU

PGPSI – Mestrado

MARIANA PAULA OLIVEIRA

2011

MODELO DE LOMBADA

Cores:

CAPA: Modelo da UFU

TEXTO: Modelo da UFU

Agradecimentos

*“Porque a vida só se dá pra quem se deu,
pra quem amou, pra quem chorou, pra quem sofreu”*

Vinícius de Moraes e Toquinho

Dois anos e quatro meses mestranda. Muitas pessoas estão direta ou indiretamente implicadas nessa história, a quem agradeço de todo o meu coração:

À querida orientadora Maria Lúcia, meu maior exemplo-inspiração de professora, de profissional;

Aos meus pais que, por onde quer que eu ande, estarão sempre em mim, como meu alicerce principal;

Aos meus familiares, extensão da minha família, que me desejam o melhor;

À Maria Rita, minha sobrinha-afilhada, que enche minha vida de poesia;

À Carla e à Cida, tão compreensivas e acolhedoras;

Aos meus amigos Aline, Sol, Tati e Andrey, companheiros para uma vida;

À amiga Sandra, que além de ser parceira na vida colaborou efetivamente com minha escrita, lendo todo o trabalho e me ajudando a perceber erros e encantos;

Aos amigos do SUPRA: Karla, Fabíola, Fran, Rafael, Zé Alberto, Chris, Marcela, Priscila e Raquel, por tantos casos e “causos” compartilhados;

À Raquel, tão querida, que me deu teto, colo, ombro, e ouvido;

À Aline, com seu carinho e seus conselhos de irmã mais velha;

À Rita, que de forma tão cuidadosa e disponível contribuiu com a revisão desse trabalho;

À Fernanda, tão amorosa, que colaborou com o *abstract*;

Aos professores do PGPSI, destacando Caio César e Luiz Avelino, que contribuíram com a pesquisa através de boas críticas e ideias no exame de qualificação;

Aos meus alunos, especialmente à 65ª turma de Psicologia da UFU, que marcaram o início de minha docência com sua afetividade e seu interesse;

Aos internautas das redes sociais, que me proporcionaram tantos *pensares*;

À Marineide, do PGPSI, sempre tão disponível e atenciosa;

À Nara, que me ajuda a romper com as barreiras que eu mesma construí/ construo;

Aos amigos do *Paiol d'Ideias*, que nos últimos tempos me renderam grandes inspirações em vários campos da minha vida, e em especial, ao Umberto, um grande amigo;

Ao Carlos, que deu mais vida ao meu olhar e ao meu sentir;

À Deus e à Nossa Senhora.

Obrigada!

“Tudo que não invento é falso”

Manoel de Barros

Resumo:

O convívio com adolescentes dessa geração nos permite – ou quase nos obriga – a conhecer o universo novo e curioso das relações virtuais através da internet. Esse grupo é aquele que mais incorporou o hábito do uso das redes sociais à sua vida cotidiana, fenômeno importante a ser considerado por suas repercussões na contemporaneidade. Uma dessas repercussões, questionada aqui, diz respeito à construção da identidade desses sujeitos face a um mundo em que as relações são mediadas por imagens e que lhes proporciona um catálogo de identidades fragmentadas e prontas para consumo, tornando a criação e o pensamento artificiosos desnecessários. Essas questões vão além do universo da adolescência cronologicamente circunscrita, tendo revelado a pesquisa que se trata de uma condição adolescente de construção identitária. Também não se trata de questões exclusivas da internet, entretanto, esta vem elevar exponencialmente as problemáticas colocadas, ao ponto de questionarmos a possibilidade de subjetivação nesse espaço. Para esse estudo, buscamos alguns sujeitos em duas redes sociais virtuais amplamente difundidas no Brasil, o *Orkut* e o *Twitter*, analisando alguns perfis e conversas também em uma comunidade de participantes *fakes*. No campo da relação da pesquisadora com tais sujeitos, foi possível apreender lógicas de construção identitária como as das *ilhas-cercadas-de-mesmos* e dos *ecoísmos* em rede. Além disso, tomadas pela grande repercussão midiática das lutas de povos árabes contra a ditadura, particularmente a dos jovens egípcios envolvendo as redes sociais, trouxemos um contraponto dos dois mundos e das maneiras de subjetivação encontradas em cada contexto. O método interpretativo foi o escolhido para direcionar essa trajetória, e a Teoria dos Campos, nossa principal parceira teórica, já que buscamos ampliar os sentidos psíquicos de nossas questões a partir do rompimento e da denúncia das lógicas estruturantes dos seus sentidos rotineiros. Tais recursos nos ampararam na construção de uma prototeoria sobre a questão do ser ou *apare-ser* no mundo virtual.

Palavras-chave: Construção Identitária; Redes Sociais; Subjetivação; Condição Adolescente.

Abstract:

To be or to appear-to be: that is the question!

A possible logic of teenagers identity construction in the virtual world.

The act of leaving amongst teenagers of this generation allows us-or almost forces us to get to know the curious and new universe of virtual relationship through the Internet. This group is the one that has got the most used to the social networking to their everyday life, important phenomenon to take in consideration for its repercussion in the contemporaneity. One of this repercussions, questioned in here, is regarding the identity construction of these subjects facing a world where the relations are measured by the image and has delivered a whole catalog of identities fragmented and ready to be consumed, making the thought and creation an unnecessary artifice. These questions go beyond the teens universe chronologically circumscribed, has revealed the research that is about a teen condition of building their identity. It isn't just about questions related to the Internet, however, this comes to raise exponentially the problems given, to bring us to question the possibility of subjectivity along this. For this study, were brought some subjects from two distinct virtual social-networking largely speeded in Brazil, the Orkut and Twitter, analyzing some profiles and conversation also in a community for fakes. The field of the researcher relationship with such subjects, it was possible to learn logic of the identity construction such as in the islands-surrounded-by-self and the *ecoísmos* in the network. Apart from that taken by the large repercussion of the media in the struggles of the Arabic people against dictatorship, the Egipician youth in particular involving social networks, brought to scene a point of view from both worlds in ways of subjectivity found in each context. The interpretative method was the one chosen to direct this pathway, and the Multiple Field's Theory, our main theoretical partner, seen as we aim to expand the psychic senses of our questions from the disruption and the logic denounces structuring your routine senses. Recourses such as this support us in the construction of a *prototheory* about the question of be or appear-to be in the virtual world.

Keywords: identity construction, social networks, subjectivity, teen condition

Lista de Ilustrações

Ilustração 1 - Página Eletrônica Inicial do <i>Orkut</i>	64
Ilustração 2 – Página Eletrônica Inicial do <i>Twitter</i>	66
Ilustração 3 – Página do Jhon no <i>Orkut</i>	76
Ilustração 4 – Fórum na Comunidade AAF.....	87
Ilustração 5 – Fórum de discussão proposto pela pesquisadora	93
Ilustração 6 – Recorte de caso: “Momento de Semp refleti”	97
Ilustração 7 – Perfil de Giovanna no <i>Twitter</i>	99
Ilustração 8 – Alguns <i>tweets</i> da página de Giovanna.....	104
Ilustração 9 – Perfil de Lucas Busch Ferian.....	105
Ilustração 10 – Perfil de Wael Ghonim.....	111
Ilustração 11 – Foto: Khalil Hamra.....	112

Sumário

Capítulos:

1- Introdução	12
2- Sustentando a identidade da pesquisa: a Teoria dos Campos em diálogo.....	21
3- A construção da identidade.....	31
4- A Realidade Virtual.....	47
5- Adolescer – A dor de ser	54
6- As redes sociais: sites de relacionamento?	62
6.1- <i>ORKUT</i> – “Igual à vida real”	63
6.2- “Twitter: A melhor maneira de descobrir o que tem de novo no seu mundo.”	66
7- Pesquisa na rede: Quem sou eu? Quem é você? Quem somos? Quem é quem?.....	71
7.1- “Eu abro a geladeira para pensar”	73
7.2- Jhon e os fragmentos de identidade <i>prêt-à-porter</i>	75
7.3- Um jeito <i>fake</i> tão verdadeiro de ser	82
7.4- <i>Tweets</i> : gorjeios em eco.....	98
8- Um contraponto.....	110
9- Considerações finais	115
Referência Bibliográfica.....	120

1 – Introdução

O uso frequente das redes sociais na internet para se expressar e se relacionar é um fenômeno contemporâneo importante, principalmente entre os adolescentes. Nesse universo, um campo de estudos que se abre é, para além da frequência do uso de tais redes, o dos sentidos dessa imersão no meio virtual e suas implicações na construção identitária adolescente.

Essa dissertação versa sobre a construção da identidade adolescente a partir de uma investigação de suas vivências no mundo virtual, – aqui correspondendo ao ambiente da internet – dentro ainda de sites de relacionamento, também conhecidos como redes sociais. Para tanto, desse amplo campo escolhemos focar o estudo de alguns perfis de usuários dos sites e algumas discussões que aconteceram ali dentro.

A Antropologia inaugurou um ramo de sua disciplina para estudar as relações humanas na internet. Trata-se da netnografia:

O exercício netnográfico é uma espécie de etnografia em comunidades da Internet. (...) Chama a atenção para a necessidade de uma total imersão do pesquisador no campo, ao ponto de ele ser reconhecido como um membro da cultura estudada. Para isso, é necessária uma “descrição densa”, assim como a compreensão da linguagem e dos símbolos dessa cultura, que deverão ser traduzidos através de uma interpretação com grande participação da subjetividade do pesquisador. (Lobo, 2009)

A presente pesquisa não é um estudo antropológico, mas não se difere totalmente da descrição de Lobo. Para estudar o tema, foi preciso um mergulho no universo adolescente das redes sociais, na busca por um entendimento-interpretação sobre as lógicas que o fazem

funcionar. Não seria necessário que eu fosse identificada pelos sujeitos como membro daquela cultura, porém, para conseguir acesso a eles, eu precisava ser usuária cadastrada nos sites, e em certos momentos, cheguei a me implicar de forma mais direta na pesquisa, mesmo que através de um perfil *fake*.

É preciso destacar aqui que, diferente do estudo netnográfico descrito, a nossa interpretação é a psicanalítica, considerando a Psicanálise uma antropologia do inconsciente, ou dos campos inconscientes. A nossa investigação se deu nos campos psíquicos apreendidos na leitura interpretativa das páginas virtuais, numa relação transferencial. Imersos em uma cultura que abarca as relações mediadas pelo computador, temos rotineiramente dificuldades em contemplar as estranhezas desse meio. Mas, segundo Herrmann, com os recursos do método psicanalítico-interpretativo “o analista consegue pôr-se no avesso de si mesmo e também no de sua cultura, embora com extremo esforço. E pode praticar uma antropologia interna da sociedade em que vive”. (Herrmann, 2001, p. 9) Essa é, então, a “netnografia” psicanalítica.

A ideia de se pesquisar sobre a construção da identidade no universo virtual a partir de sites de relacionamento – *Orkut* e *Twitter* – no meio adolescente veio, primeiramente, da convivência com os adolescentes em uma escola particular de Ensino Médio, onde trabalhei por três anos. Naquele lugar, convivendo com cerca de 1100 adolescentes, eu percebia que um dos assuntos mais recorrentes em suas conversas envolvia o universo do *Orkut*, rede social que estava “na moda”. Eu ouvia a palavra *Orkut* quase que diariamente, em conversas no corredor, banheiro, pátio, e até em atendimentos a pais. Esses últimos frequentemente se queixavam e pediam ajuda para “tirar” os seus filhos do computador, onde passavam horas navegando pelo *Orkut* e *MSN*¹.

¹ *Messenger*: programa de bate-papo via internet.

O *Orkut* sem dúvida permeava o cotidiano daqueles garotos. Era nesse espaço virtual onde, muitas vezes, eles iam buscar informações e se expressavam sobre colegas, professores, paqueras, vida, morte, era onde postavam e visualizavam fotos e vídeos pessoais e alheios. Por lá eles se relacionavam, combinavam encontros, discutiam as relações, construíam amizades e inimizades. Ali eles perdiam, gastavam, ganhavam tempo. Eles reuniam-se em tribos-comunidades virtuais, e levavam as experiências das relações mediadas pelo computador para os corredores da escola, direta ou indiretamente em suas falas. Em um determinado período, inclusive, eles começaram a fotografar e filmar cenas na escola para compartilhar *on line*.

Sendo também uma cadastrada no site do *Orkut* pouco tempo antes de perceber essa repercussão em meu ambiente de trabalho, fui ficando curiosa e passei a prestar uma atenção diferenciada nas minhas visitas ao site.

Mas, além dessas percepções, vivenciei uma cena há cerca de dois anos que me chamou a atenção para o tema. Na academia de ginástica, um homem se aproximou de mim, dizendo que tinha me notado há algum tempo naquele lugar, e gostaria de me conhecer melhor, perguntando se, para isso, eu poderia lhe passar o meu *MSN* e *Orkut*. Eu estranhei essa seqüência, pois imaginava que ele fosse querer conversar comigo, ao menos perguntar o meu nome – o que não aconteceu –, saber se eu trabalho, se estudo, enfim, que ele estabelecesse um diálogo para me conhecer, e não que se afastasse, fosse para casa, para acessar o computador. Mais uma vez fiquei curiosa por essa busca pelo mundo virtual, representado pelo *Orkut*, e resolvi propor a pesquisa. Curioso que o Brasil seja o país em que esse site encontrou maior receptividade, tendo cerca de 50 milhões de cadastrados, e me vem a pergunta do porque disso, mas trata-se de um fenômeno a ser abordado em uma eventual pesquisa no futuro.

Como vivenciei as duas fases: aquela onde as pessoas se “conheciam melhor” quando se encontravam algumas vezes e conversavam, ou perguntavam umas das outras para os amigos em comum; e essa fase mais recente, “virtual”, penso nas implicações dessa nova realidade à vida cotidiana, e algumas questões foram sendo formuladas.

O que podemos apreender sobre a construção da identidade adolescente a partir das suas relações nas redes sociais virtuais? Será que nesses ambientes os adolescentes estão se construindo, arquitetando suas identidades, quando em relação com alguns leitores (reais ou imaginários), ou estariam fazendo uso de identidades-padrão, apenas reproduzindo o que já está pronto? Tentaremos responder também a pergunta: como fica o espaço para a subjetividade nesses ambientes virtuais?

Para percorrer o caminho dessa pesquisa, o método escolhido foi, como já citado, o psicanalítico. Adentrando um pouco mais nesse mérito, é sempre bom lembrar, ainda que mais uma vez, que a Psicanálise foi definida por Freud, em 1922, da seguinte forma:

PSICANÁLISE é o nome de (1) um procedimento para a investigação de processos mentais que são quase inacessíveis por qualquer outro modo, (2) um método (baseado nessa investigação) para o tratamento de distúrbios neuróticos e (3) uma coleção de informações psicológicas obtidas ao longo dessas linhas, e que gradualmente se acumula numa nova disciplina científica. (Freud, 1922, p. 253)

Freud, então, descreveu a Psicanálise de forma sucinta através de três componentes principais: um procedimento investigativo – o que está mais próximo do que hoje reconhecemos como método –, um método de tratamento – que consideramos a técnica terapêutica –, e uma teoria.

Entretanto, com o passar do tempo, a Psicanálise foi adquirindo maior reconhecimento enquanto técnica psicoterápica e teoria. Lowenkron (2005) traz como ilustração desse fato a definição de Psicanálise proposta pela IPA (International Psychoanalytical Association) em 2003, que diz: “O termo ‘psicanálise’ refere-se a uma teoria do funcionamento e da estrutura da personalidade e a uma técnica psicoterapêutica específica. Esse corpo de conhecimento é baseado e derivado das descobertas psicológicas fundamentais feitas por Sigmund Freud.” (citado por Lowenkron, 2005, p. 160).

Porém, se a própria IPA traz que a Psicanálise é um conhecimento advindo das descobertas de Freud, ela comete o equívoco de desconsiderar o item (1), utilizado por ele, na definição de sua ciência. Para Lowenkron, essa redução prejudica o desenvolvimento da Psicanálise, colocando-a em risco de extinção, principalmente quando tenta um caminho impossível: adequar investigação interpretativa ao método da pesquisa empírica, ou controlada: “O que atualmente se chama de pesquisa empírica em psicanálise é a que procura imitar o modelo positivista de erradicação de desvios interpretativos do pesquisador.” (Lowenkron, 2005, p. 162). Essa busca de ajuste teve como principal objetivo que a Psicanálise adquirisse estatuto de ciência, já que o modelo preponderante de ciência era – e ainda é – o positivista, a despeito de toda vasta discussão sobre a crise paradigmática da ciência.¹ Quanto a esse ponto, o autor pondera:

A psicanálise, na qualidade de ciência, força uma redefinição do campo das ciências, ou seja, obriga a abertura de espaço para ser recebida, não se conformando ao espaço existente. O método de pesquisa controlada ou pesquisa empírica pode ser útil desde que não pretenda ser psicanalítico, pode esclarecer desde que não se misture

¹ Boaventura Souza Santos (2002) discute amplamente essa questão, colocando em cheque as “verdades” difundidas sobre o modelo científico vigente.

com o método psicanalítico, que é completamente distinto. A mistura trará descrédito à psicanálise, muito mais que a falta de verificação quantitativa. (Ibid)

Assim como Lowenkron, vários psicanalistas têm pensado sobre o lugar ocupado pela Psicanálise no campo das ciências (Eizirik, 2006; Mezencio, 2004; Violante, 2000; Sauret, 2003), e nesse sentido, reconhecem o método como de fundamental importância. Dentre eles, destacamos Fabio Herrmann, autor que considera o método enquanto um caminho para um fim, ancorando-se na etimologia da palavra. De acordo com tal autor, e corroborando com a ideia já trazida com Lowenkron, a vertente metodológica da Psicanálise foi sendo deixada de lado, um grave equívoco para o desenvolvimento desse conhecimento. Segundo ele, “dos três sentidos atribuídos por Freud ao termo *psicanálise*, o de método é logicamente anterior e primitivo em relação aos outros dois – teoria e terapia –, que, como derivados, por ele se devem pautar”. (Herrmann, 2001b, p. 13. Grifo do autor) E continua:

A Psicanálise nasceu com o destino de elucidar a psique humana, que se manifesta na criação do sujeito e de sua realidade. Contudo, dada a prevalência da prática terapêutica que comporta, acabou por reduzir-se a pouco mais que uma ciência da psicoterapia. Como resultado, seu método veio a confundir-se com técnicas de consultório, ao ponto de hoje, já não se compreender nem mesmo o sentido do termo, confundindo com elementos circunstanciais como número de sessões, uso de divã ou com diferentes estilos interpretativos das escolas que sobreviveram à perda da unidade do projeto original. (ibid, p. 14)

Como solução a essa confusão que mistura componentes fundamentais e secundários do conhecimento psicanalítico, Herrmann propõe uma retomada à Freud, àquilo que percorre toda a sua obra, e que corresponde à essência desse saber: a interpretação, seu método.

Herrmann nomeou o método psicanalítico como interpretação por ruptura de campo, para destacar em seu pensamento uma mudança ao modelo de inconsciente proposto por Freud. O autor não descarta totalmente pressupostos freudianos para o inconsciente: “Quanto à repressão e à formação de uma esfera de mecanismos psíquicos inconscientes, a Teoria dos Campos não se desvia da hipótese freudiana, tomando-a por assentada e operativa clinicamente”. (Herrmann, 2001, p. 120). Ele coloca o inconsciente como campos que delimitam um conjunto de sentidos psíquicos que regem as relações humanas.

Campo significa uma zona de produção psíquica bem definida, responsável pela imposição das regras que organizam todas as relações que aí se dão; é uma parte do psiquismo em ação, tanto do psiquismo individual, como da psique social e da cultura. Assim sendo, e não havendo para o sujeito consciência possível do campo em que está, equivale ao inconsciente; o inconsciente freudiano é um campo ou, a rigor, uma série de campos interconectados teoricamente. (...) Numa palavra: campo é uma generalização do conceito psicanalítico de inconsciente. (ibid, pp. 58-59)

O método interpretativo visa, assim, a romper com o campo de sentidos sobressalente, provocando um abalo que possibilite a emergência de novos sentidos, de outros campos. Trata-se do método mesmo que Freud utilizava para descobrir o que descobriu, e condição invariável para a produção e reconhecimento de todo e qualquer conhecimento psicanalítico. (Minerbo, 2003)

Tal método pode ser configurado, também, através do que Romera (2002) denomina como postura “interrogante-interpretante”. Nessa pesquisa, a identidade do adolescente e sua relação com a internet vão para o divã. À pesquisadora cabe realizar uma leitura, olhar e escuta peculiares, aos ambientes e personagens reais-virtuais pesquisados, que implicam em uma atenção desencontrada, por assim dizer, com maior ênfase aos elementos menosprezados ou marginais, aquilo que em outro campo, no campo da rotina¹, ou em um momento que não da pesquisa psicanalítica, provavelmente desprezaríamos. Tal atenção desencontrada, parte fundamental da postura interrogante-interpretante, implica em deixar que surjam os sentidos, para depois, tomá-los em consideração. “Para isso, é preciso encaminhar-se os sentidos na direção de uma *suspensão-suspeição* da realidade, facultando com e através disso a multiplicação de possibilidades de significação” (Romera, 2002, p. 52)

Para Herrmann, o método em ação nada mais é que a: “forma mesma pela qual funciona a psique humana, só que ao revés, invertida” (Herrmann, 2001a, p. 61.). Dessa forma, entendemos que só é possível conhecer os contornos do real através da interpretação, o que é um processo subjetivo, dependente das lentes de cada analista-pesquisador. Sabendo disso, não corremos o risco de colocar o inconsciente em um lugar autônomo, com regras prontas, coletivas, e que devem ser descobertas por nossos estudos e replicadas para serem válidas.

A partir desse método, a pesquisa vai tomar em consideração aspectos da construção identitária adolescente nas relações virtuais, relacionando-os com certas características psíquicas do mundo contemporâneo, trabalhadas a partir da Psicanálise e, mais especificamente, da Teoria dos Campos. Da apreensão dos recursos e dos discursos que possibilitam a construção da identidade adolescente em meio ao contexto contemporâneo e,

¹ Para a Teoria dos Campos, rotina é a “redução consensual dos sentidos do discurso”. (Herrmann, 1999, p. 28)

particularmente, na realidade virtual, busca-se uma ampliação da compreensão do mundo em seu adolescente¹.

Partindo da análise de perfis de adolescentes nos sites de relacionamento, o trabalho visa a arquitetar as lógicas de concepção do(s) campo(s) que sustentam as relações expressas nesses sites, buscando um encontro com os contornos do desejo (representado pela identidade) e do real (representado pela realidade). O que será, então, possível apreender da Psique do Real a partir de “parcelas de identidade” nesse mundo virtual?

Primeiramente, traremos a partir da Teoria dos Campos um pensar sobre o mundo em que vivemos. Discorreremos em seguida sobre os temas: identidade, realidade virtual, adolescência e redes sociais, dialogando teóricos da Psicanálise com outros da Sociologia, mais especificamente, com abertura para teóricos de áreas afins que se propuseram a pensar a respeito.

Após o desenrolar teórico, analisaremos alguns perfis de adolescentes no ciberespaço, como também alguns diálogos em um fórum de discussão de uma rede social, buscando verificar possibilidades disruptivas para esse campo, bem como pensar nas suas regras de criação – já que só tomamos um campo em conhecimento pelo seu rompimento.

¹ A Teoria dos Campos propõe pensarmos sobre o mundo e seu homem, e não o homem e seu mundo. Leda Herrmann coloca que “o que conta não é o mundo subjetivo de cada homem, mas a subjetivação de cada mundo, seja ele um homem, uma cultura, uma obra literária, um grupo, um setor da sociedade”. (Herrmann, 2007, p. 199)

2- Sustentando a identidade da pesquisa: a Teoria dos Campos em diálogo

A Psicanálise, nos últimos tempos, esteve bastante focada no trabalho clínico, dentro do consultório padrão. Porém, Freud mesmo dedicou-se a diversas formas de investigação psicanalítica: “da pesquisa clínica – que hoje diríamos extensa, ou quem sabe extensíssima, porque compreendia seus próprios sonhos e atos falhos, além de episódios do cotidiano, encarados clinicamente – à investigação teórica e análise da cultura” (Herrmann, 2004, p.45). Fabio Herrmann vem com os seus trabalhos resgatar e dar nome a um conceito mais amplo de Psicanálise ilustrado desde os trabalhos de Freud: o conceito de ciência geral da psique humana, composta, como já dito, por método, teoria e técnica.

Esse trabalho se qualifica então dentro do que Herrmann chamou de clínica extensa, ou seja, a Psicanálise que sai dos muros do consultório padrão, uma vez que faz uso do método interpretativo e versa sobre o Homem Psicanalítico – aquele “em condição de análise”. (Herrmann, 2001a, p. 31.). Segundo o autor:

Qualquer conjunto de relações suficientemente coeso para constituir uma realidade abarcativa é um quotidiano – o quotidiano, como a hóstia consagrada, é tal que qualquer parte sua é também o todo, não há como dividi-lo de dentro -; mas este supõe um campo do real a produzi-lo e sustentá-lo, cujas regras especiais de formação podem ser em parte desopacificadas por nosso já conhecido processo de ruptura de campo. (Herrmann, 1997, p. 29)

Os sites de relacionamento e perfis a serem apresentados podem ser considerados, então, um conjunto dessas relações ou um cotidiano: “um lugar onde o real se transforma em realidade” (Herrmann, 1997, p. 27). Por real entendemos o processo de construção dos sentidos psíquicos humanos, movimento inacessível em si mesmo, mas que possui ligação a um sistema representativo que se dá a consciência: a realidade. Porém, é certo que não se abarcará por completo o real nesse trabalho ou em qualquer outro, pois o real não é passível de tal acesso. Teremos acesso às representações, ou a um conjunto delas, o cotidiano. E ressaltado, realidade e representação, psicanaliticamente falando, são a mesma coisa. Através dessas representações esboçaremos uma *prototeoria*, ou seja, a construção de um pensamento acerca do cotidiano selecionado, com o intuito de favorecer a criação, suspendendo as teorias já colocadas, para que não façamos uso dessas como teorias *prêt-à-porter* aplicadas ao nosso universo pesquisado. Herrmann (2001a) pontua: “É no ato clínico que o analista teoriza, o que equivale apenas a não aplicar teorias tradicionais diretamente ao paciente, substituindo a técnica pela teoria, mas a retirar do vórtice¹ representacional prototeorias talhadas sob medida para cada analisando”. (p. 88)

Para a construção dessa prototeoria, contamos com alguns autores que nos possibilitam pensar sobre a psique humana em níveis individual e coletivo. Numa espécie de associação-escrita-livre, unimos elementos que consideramos fundamentais no estudo-interpretação do tema proposto. Se queremos pesquisar sobre a construção da identidade do adolescente nas redes sociais, convidamos pensadores que trabalham de forma direta ou indiretamente nossa questão, na Psicanálise e nas ciências afins.

A princípio, é preciso contextualizar o mundo em que vivemos. Mundo em que pôde surgir a internet, as redes sociais, como também os conceitos de identidade e de adolescência.

¹ Vórtice é um estado de confusão representacional, o “produto imediato da interpretação” (Herrmann, 2001a, p. 60)

Ou em termos da Teoria dos Campos; “é preciso mergulhar na psique do real, para compreender como esta determina a interioridade do sujeito” (Herrmann, 1997, p. 130)

Suely Rolnik (1997) discute que, a partir da globalização e da anulação das fronteiras, pressupõe-se uma grande possibilidade de criação individual e coletiva, a partir das misturas, das infinitas possibilidades de criação com as novas relações, de novas maneiras de se viver. As infovias deveriam ampliar ainda mais essas possibilidades, visto que tornam o planeta uma grande comunidade rica em pluralidade. Porém, o que aconteceu foi diferente; não houve a emergência de “uma democracia administrada por um sistema de autogestão em escala planetária” (p. 19), mas, na realidade,

a mesma globalização que intensifica as misturas e pulveriza as identidades, implica também na produção de kits de perfis-padrão de acordo com cada órbita do mercado, para serem consumidas pelas subjetividades, independentemente de contexto geográfico, nacional, cultural, etc. Identidades locais fixas desaparecem para dar lugar a identidades globalizadas flexíveis que mudam ao sabor dos movimentos do mercado e com igual velocidade.”. (Rolnik, 2007, p. 19)

Insistir com uma referência identitária traduz um receio em se “virar um nada”. E pra ser alguém, dentro desse mundo-mercado, há opções prontas. “Um mercado variado de drogas sustenta e produz essa demanda de ilusão, promovendo uma espécie de toxicomania generalizada” (Ibid, p. 20).

E as drogas possíveis seriam:

Primeiro as drogas propriamente ditas, fabricadas pela indústria farmacológica, que são pelo menos de três tipos: produtos do narcotráfico, proporcionando miragens de onipotência ou de uma velocidade compatível com as exigências do mercado; fórmulas da psiquiatria biológica, nos fazendo crer que essa turbulência não passa de uma disfunção hormonal ou neurológica; e, para incrementar o coquetel, miraculosas vitaminas prometendo uma saúde ilimitada, vacinada contra o *stress* e a finitude. (Ibid)

Além disso, há as drogas produzidas pela TV, pela publicidade, e outras mídias, que Rolnik nomeia como “identidades *prêt-à-porter*”, as quais tem efeito rápido e passageiro, quando consumidas como próteses de identidades. Essas identidades são emprestadas, e não se sustentam por muito tempo; são “falsos-*selves* estereotipados” (Rolnik, 2007, p.3). Seu uso e sua limitação alimentam a necessidade de troca, de se buscar mais e mais identidades; princípio do vício. Os viciados precisam consumir essas imagens para se sentirem reconhecidos nesse mundo-mercado, e assim, existirem.

Em direção confluyente a essas ideias, Minerbo (2009a) trabalha essas questões considerando a fragilidade do símbolo no contemporâneo, a falta de lastro simbólico, sendo que o símbolo é elemento essencial para a constituição do psiquismo. Símbolo é aquilo que une significante a significado, que permite a produção do sentido. A depleção simbólica resulta, segundo a autora, em um sofrimento psíquico, em uma crise identitária, e o sujeito vai buscar meios de compensar essa carência. Um desses meios seria através do uso de substâncias psicoativas, naturais (endorfinas, adrenalina) ou artificiais (fármacos, álcool, drogas ilícitas). Outra maneira de aliviar o sofrimento narcísico seria absorvendo da cultura elementos que possam compensar a fragilidade na identidade: “O sujeito toma emprestado da

cultura elementos – signos – que são usados como ‘tijolos’ na construção de uma identidade reificada e exteriorizada.” (Minerbo, 2009, p. 47)

Herrmann (2003a), numa linha de pensamento semelhante, fala sobre “perda de substância social”, ou “perda geral de substância que afeta a vida contemporânea” (p 245), para dizer das regras regentes das relações nessa sociedade, influenciadas pelo processo de produção e consumo, pela perda que o homem sofreu de um lugar que é agora ocupado por máquinas, da seguinte maneira:

A mudança que parece haver ocorrido reside na independência crescente do processo de produção e consumo, que passa ao largo das fronteiras nacionais, despindo-se de sentido em seu percurso, a ponto de as próprias representações de nacionalidade – história pátria, língua, cultura nacional, etc. – perderam seu vetusto prestígio e sua mais recente credibilidade. Admitamos que aquilo que se perdeu não era por si só um precioso patrimônio da humanidade, mas sua falta põe a descoberto, por carência da identidade nacional, os ingredientes conflitantes da raça humana, que tal identidade conseguia temperar. (Herrmann, 2003a, p. 244)

Junto a isso, podemos considerar também a crise de “desrealização” (Herrmann, 2003a) que vivemos. Perdemos a referência de realidade que era antes ligada à natureza. O referido autor nos exemplifica: “Primeiro, o leite vinha da vaca. Depois, como qualquer criança sabe, de uma embalagem do supermercado. Ultimamente, nem a vaca vem da vaca, mas da inseminação artificial de uma matriz” (p. 246) Desconfiamos o tempo todo – e é às vezes vital que o façamos - do que vemos e ouvimos pela televisão, revistas, celular, Internet. Nas redes sociais virtuais não é diferente. Pelo contrário, não é difícil entender que tanto as fotos quanto

os escritos são colocados ali para causar uma impressão, que não representa exatamente a realidade individual como ela é vista fora da tela, mas que, acreditamos, são representações que dizem do indivíduo e que também dizem muito sobre a realidade contemporânea.

“A liberdade do indivíduo não constitui um dom da civilização” (Freud, 1930a, p. 116). Vivendo em civilização, abrimos mão de nossa liberdade, mas não aceitamos essa ideia. A liberdade que a vida contemporânea prega, advinda da quebra da rigidez religiosa, do fim da censura que se viveu na ditadura, das infinitas opções que o consumo nos oferece, assim como a liberdade de expressão que se coloca através dos variados meios de comunicação, nada mais é do que uma propaganda enganosa de liberdade, mais uma mera aparência, pois se desconsidera tratar-se de uma liberdade limitada, direcionada, como se pudéssemos escolher qual marca e modelo de celular comprar, mas não podemos escolher ter ou não um celular, já que sem ele não somos parte desse mundo. Desconsidera-se também o preço que pagamos para o uso dessa liberdade: a falta de confiança nos sentidos, naquilo que se vê, se ouve, se toca, e conseqüentemente, nas pessoas e nas relações.

Guy Debord, em “A sociedade do espetáculo” (1997), nos ajuda também a refletir sobre o tema. O autor faz uso do termo “espetáculo” para denominar a sociedade em que habitamos, dona de uma trajetória histórica e de um funcionamento específico. Nas suas palavras: “O espetáculo não pode ser compreendido como abuso do mundo da visão ou produto de técnicas de difusão massiva de imagens. Ele é a expressão de uma *Weltanschauung*, materialmente traduzida. É uma visão cristalizada do mundo”. (p. 9)

Essa sociedade se constituiu principalmente a partir das novas relações de mercado, advindas da modernidade, onde o produto e a força de trabalho deixam de ser uma unidade para o produtor, sendo o processo dividido em partes, onde o trabalhador tem sua competência alienada, seu saber minimizado, e o resultado final já não lhe cabe. “O

espetáculo na sociedade representa concretamente uma fabricação de alienação.” (p. 20)

Debord afirma:

O espetáculo, compreendido na sua totalidade, é ao mesmo tempo o resultado e o projeto do modo de produção existente. Ele não é um suplemento ao mundo real, a sua decoração readicionada. É o coração da irrealidade da sociedade real. Sob todas as suas formas particulares, informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto de divertimentos, o espetáculo constitui o modelo presente da vida socialmente dominante. Ele é a afirmação onipresente da escolha já feita na produção, e o seu corolário o consumo. Forma e conteúdo do espetáculo são, identicamente, a justificação total das condições e dos fins do sistema existente. (pp. 9-10)

Essa fala se aproxima da ideia de real como lógica de produção, da Teoria dos Campos. A sociedade do espetáculo, muito além de um exagero na produção e uso de imagens, produz as regras que gerem as relações no nosso mundo, na atualidade.

Outro autor importante que merece consideração é Theodor Adorno, que, já em 1947, no texto “A indústria cultural”, trabalhou a perda da individualidade a partir do modelo econômico capitalista que imperava. Segundo ele, “A Indústria Cultural impede a formação de indivíduos autônomos, independentes, capazes de julgar e de decidir conscientemente”. (Adorno, 1999, p. 56) Adorno enxergava esse imperialismo e sua conseqüente eliminação do indivíduo até mesmo nas artes, no cinema, no lazer.

Maria Rita Kehl (2003) faz um estudo dos textos citados – “A Sociedade do Espectáculo”, de Debord e “A Indústria Cultural”, de Adorno – acreditando que entre os dois textos não há mudança de paradigma, mas uma complementação por parte de Debord às ideias de Adorno –

20 anos depois – pela repercussão e transformações advindas da indústria cultural: “Da indústria cultural à sociedade do espetáculo, o que houve foi um extraordinário aperfeiçoamento técnico dos meios de se traduzir a vida em imagem, até que fosse possível abarcar toda a extensão da vida social.” (p.1)

Nessa análise, Kehl problematiza a questão da perda da subjetividade, como fruto da massificação das individualidades, e da manipulação feita pela publicidade no próprio inconsciente, o que se dá pela via do desejo. Nas suas palavras:

Quando não é reduzido a mais um competidor na massa, o ‘indivíduo’ é tratado como “consumidor”. A operação consiste em apelar para a dimensão do desejo, que é singular, e responder a ela com o fetiche da mercadoria. A confusão que se promove, entre objetos de consumo e objetos de desejo¹, desarticula, de certa forma, a relação dos sujeitos com a dimensão simbólica do desejo, e lança a todos no registro da satisfação de necessidades, que é real. O que se perde é a singularidade das produções subjetivas, como tentativas de simbolização. (p. 3)

A confusão a que Kehl se refere, e que aparece nos textos de Debord e Adorno, entre aquilo que é singular, que é próprio do desejo, com aquilo que é coletivo e agora massificado, parece ser a força que ao mesmo tempo destrói a subjetividade, eliminando a singularidade, e move o indivíduo na busca de novas formas de subjetivação, já que esse sofre com a perda identitária.

¹ Desejo, aqui, não converge, até onde pudemos apreender, à definição trabalhada pela Teoria dos Campos: parcela do real seqüestrada no sujeito. Logo, para tal teoria, o desejo não é singular, apenas.

Ocorre que a sociedade dos indivíduos “desacostumados à subjetividade” não é a sociedade dos homens capazes de estabelecer entre eles relações “objetivas”, ou seja, livres do excedente de alienação que o capitalismo industrial fabrica diariamente. Ao contrário, o que o espetáculo produz é uma versão hiper-subjetiva da vida social, na qual as relações de poder e dominação são todas atravessadas pelo afeto, pelas identificações, por preferências pessoais e simpatias. E quanto mais o indivíduo, convocado a responder como consumidor e espectador, perde o norte de suas produções subjetivas singulares, mais a indústria lhe devolve uma subjetividade reificada, produzida em série, espetacularizada. Esta subjetividade industrializada ele consome avidamente, de modo a preencher o vazio da vida interior da qual ele abriu mão por força da “paixão de segurança”, que é a paixão de pertencer à massa, identificar-se com ela nos termos propostos pelo espetáculo. Por aí se explica o interesse do público que assiste aos *reality-shows* dos anos 2000 na tentativa de flagrar alguma expressão espontânea da subjetividade alheia sem se dar conta de que os participantes desse tipo de espetáculo estão tão “formatados” pela televisão, tão “desacostumados da subjetividade” quanto o telespectador. (Kehl, 2003, p. 4)

Fazendo uso dessa citação, destaco-a como uma síntese articulada dos elementos que busquei trazer para contextualizar nossos sujeitos e o mundo em que vivem. Falamos aqui sobre nosso sistema econômico vigente, algumas das transformações por ele engendradas, destacando a anulação das fronteiras com a globalização, e os recursos que a sociedade foi construindo para se expressar e para se relacionar nessa nova configuração. Falamos que esses meios se mostram sujeitados à mesma lógica produtora de nosso sistema econômico, o que

nos faz suspeitar de que essa lógica acaba regendo também nosso pensamento. E por fim, colocamos a problemática da des-subjetivação, enxergando também que se trata de uma questão que percorreu e percorrerá toda essa pesquisa, direta ou indiretamente.

Agora, adentraremos em algumas particularidades sobre o tema da identidade, sobre o qual já começamos a discutir nesse capítulo.

3- A construção da identidade

“Afinal de contas, perguntar ‘quem você é’ só faz sentido se você acredita que possa ser outra coisa além de você mesmo”. (Bauman, 2005, p. 25)

O conceito de construção da identidade do sujeito muitas vezes se entrelaça com o de constituição do sujeito psíquico, e temos que nos atentar para os momentos desse entrelaçar, como também para os momentos de distanciamento dos dois conceitos, a fim de que não os coloquemos como idênticos.

Outeiral (2008), por exemplo, fala que o processo de estruturação da identidade se dá pelas seguintes etapas:

Inicialmente, o bebê vive num estado de “fusão” com a mãe e, para ele, todo o “universo” é constituído por ele próprio (incluindo a mãe). Aos poucos, a mãe (por “melhor” que possa ser) vai introduzindo frustrações que permitem ao bebê perceber “a realidade”. Permanece, entretanto, uma ligação importante com a mãe que exige uma “intromissão-benéfica” do pai. Ele como que “rompe” este vínculo simbiótico e, ao se apresentar ao bebê e à mãe, transforma o que era uma dupla em um triângulo. Ele se oferece, assim como um elemento importante e fundamental para identificação, agora não mais restrita à figura materna. Esse é um momento fundamental e estruturante para a criança. (...) Posteriormente, outras pessoas da família, amigos e vizinhos se colocam para essa experiência identificatória e, em seguida, os professores. (p. 68)

Outeiral traz então, interligados, os dois conceitos, e dessa forma, seguimos com a problemática da semelhança e distanciamento entre constituição do sujeito e da identidade. Com relação à Teoria dos Campos, aquilo que se conhece como nascimento psíquico se dá a partir do que Herrmann (2001a) chamou de mentira original. Segundo o autor:

É possível figurar a situação de um bebê completamente submetido às necessidades fisiológicas e instintivas, que a mãe ou seu substituto procuram acomodar. Nesse estado narcísico inicial, tudo se passa como se não houvesse qualquer espaço entre o ser necessitado e as coisas que lhe satisfazem (ou não) a necessidade. (...) Prisioneira de um cerco de coisas materiais, ou seja, da necessidade fisiológica e das coisas que a podem satisfazer, a cria da espécie humana encontra de golpe uma porta de acesso a outra condição. Ela mente à mãe, indicando como sendo (fisiologicamente necessário) aquilo que não é, recusando o seio quando tem fome, buscando-o quando não tem, provavelmente antecipando ou adiando um pouco que seja o sinal da falta. Este broto de proto-intencionalidade ativa decerto se perde inúmeras vezes no magma do cerco das coisas, antes que a experiência deixe algum lastro mnêmico, não propriamente no psiquismo infantil que está a constituir, mas no espaço psíquico relacional que este compõe com outro ser humano. (Herrmann, 2001, p. 113)

E continua:

Esta mentira, este efeito de não-ser, podemos tomá-lo como ponto de partida da constituição do psiquismo individual, justamente por não ser um fato

individual, mas quase diria, social. (...) A necessidade fisiológica bruta passa a ser, primeiro, modulada, depois, efetivamente modificada, para transformar-se em desejo – a matriz das emoções, que, no futuro, embora sempre alimentada pela necessidade, exigirá uma satisfação mais elaborada, menos rígida, conquanto quase impossível de se realizar de forma completa. (ibid, pp. 113-114)

Diante disso, pensando sobre o conceito de identidade elaborado pela Teoria dos Campos, conseguimos esboçar uma diferenciação entre nascimento psíquico e construção da identidade. Para Herrmann, identidade é a representação do desejo do indivíduo. E para falar da identidade, ele precisa dizer de como surge o desejo: A “mentira original” possibilita o nascimento psíquico, visto que o desejo vai aparecendo nos entremeios com a necessidade. E junto ao nascimento psíquico, nasce o sujeito regido pelo desejo. Aí chegamos a um outro ponto de questionamento: sujeito psíquico seria o mesmo que sujeito desejante? O desejo é a lógica de produção dos sentidos humanos para o indivíduo, é “porção do real sequestrada no sujeito” (Herrmann, 1999a, p. 145), mas existe sujeito psíquico sem a produção de sentido? Um seria condição para o outro, ou ambos os conceitos representariam a mesma ideia? Todavia, a problemática anterior começa a se esclarecer: a constituição do sujeito psíquico pode se aproximar do conceito de surgimento do psiquismo e do desejo, porém, se diferencia de identidade, visto que identidade é representação do desejo, e não o seu equivalente.

Seguindo com a Teoria dos Campos, quando o bebê rompe o cerco das coisas, ele perderá o sentimento de completude, de “autobastância”, que sente ter vivenciado, mas que é ilusório. A partir daí, seguirá pela busca por reparação dessa perda, por esse estado de completude ilusório perdido, uma busca que acompanhará esse sujeito por toda a sua vida. E, de acordo com Herrmann “quem perdeu a si mesmo, um si mesmo fantástico, é evidente, que pode

buscar? Busca a si no outro, procura algum ser que carregue a marca do humano” (2001a, p. 130). E isso se dá através das identificações, como apontado por Outeiral, anteriormente citado.

Herrmann (2001a) nos apresenta uma metáfora interessante que favorece visualizarmos os conceitos de desejo e identidade:

As representações do desejo são como vestes para um corpo invisível. Roupas não fazem parte do corpo, a roupa vestida esconde o corpo, mas, por efeito da substituição de várias roupas, é possível vislumbrar a forma do corpo: é o que há em comum às formas das vestes. (p. 175)

Nessa metáfora, o corpo invisível corresponde ao desejo, e as vestes, à identidade. A identidade é, então, o que representa o desejo do sujeito. Desejar não é simplesmente querer. Para Herrmann “o que não se quer, o que se teme ou se abomina, também faz parte do desejo” (2001a, p. 133).

Desejo é o inconsciente em ação. Sua ação, no embate com o mundo, vai criando precipitados de representações mais ou menos estáveis que acabam por definir o sujeito. Este ganha um rosto, ou seja, um caráter, uma forma reconhecível. Os outros dão-lhe nome, atribuem-lhe intenções e feitos, um estilo de ser. Como o desejo é repetitivo e bastante limitadas suas variações, há, na maioria das vezes certa semelhança entre o reconhecimento externo e ação contínua do desejo. (p. 141)

Reapresento também aqui os conceitos de real e realidade, fundamentais para essa discussão. A identidade é representação do desejo, assim como a realidade representa o real. Desejo e real são lógicas produtoras dos sentidos psíquicos. São lógicas inconscientes, não se deixam reconhecer diretamente. Mas indiretamente, através de suas representações: a identidade e a realidade, encontramos um acesso a tais lógicas, via método interpretativo. “Como o desejo, (...) o real não pode ser apreendido em sua unidade hipotética, mas só na atividade de seus campos particulares, isto é, na medida em que funda formas de relação determinadas, provê-las de sentido, fá-las funcionar.” (1997, p. 28).

É no encontro do campo do analista/ pesquisador com o campo do paciente/ objeto de pesquisa, nos interstícios da relação entre um e outro, e apenas por ruptura de campo, que nos aproximamos de um desenho do desejo do sujeito, ou seja, de seu inconsciente. E interpretando, ou rompendo os campos da realidade, nos aproximamos do real.

Fabio Herrmann (2001a) se utiliza de O Escudo de Aquiles, na Odisséia de Homero, dentro da mitologia grega, para trabalhar os conceitos de real, realidade, desejo e identidade. A história, resumida pelo próprio autor, é a seguinte:

Tendo perdido suas armas no cerco de Tróia, graças à fatal bravata de seu companheiro querido, Pátroclo, literalmente morto por engano, quando as envergava para se fazer passar por ele, recebeu Aquiles outras ainda mais esplêndidas, forjadas nada menos que por Vulcano, o deus ferreiro. Seu escudo, em especial, trazia batalhas, rebanhos, cidades, e até um menestrel tocando lira na ágora, que poderia figurar o próprio Homero. Do lado interno não havia gravação, mas o herói em pessoa o empunhava. Mas que é uma pessoa senão a condição de uma máscara, de uma figuração? A identidade do herói, na face côncava, tem pois sua representação na convexa, na

realidade. É verdade que o escudo não lhe serviu quando foi flechado no calcanhar por Páris; porém, na falta de função prática, sua função simbólica deve ter sido cumprida a contento. Qual função? A de assegurar a própria identidade do portador, identidade humana e grega, em meio à feroz refrega corporal que ameaçava confundir gente com bichos e gregos com troianos. Manter a identidade será mais importante que a vida? (Herrmann, 2001a, p. 151)

Adriana Campos (2007), fazendo uma análise sobre esse texto de Herrmann, nos fala da função defensiva que a representação possui. Segundo ela, tal teórico quer nos mostrar que

a nossa vida civilizada, tal como a de Aquiles, está fadada ao mesmo encontro com a morte, e que as paixões e ressentimentos de que ele padeceu (perda da mulher amada, morte de um amigo, a fúria impotente) também padecemos nós. Armamo-nos como ele, com o escudo da representação. (Campos, 2007, p. 126)

Aquiles vai à guerra, vai de encontro com a barbárie, a morte selvagem e, diante daquele cenário, tem em seu escudo a proteção para não se perder no real que o constituiu. Herrmann diz: “Pulando a cerca da representação, o homem vai ao encontro com a loucura. Loucura é o estado de confusão entre identidade e realidade, ou, com mais rigor, a condição de contágio, na qual o sujeito se desfaz no real e retorna às origens” (1998, p. 14)

Aqui cabe pontuar sobre o conceito de crença, visto que se trata de um conceito importante no entendimento da função da representação. De acordo com Herrmann (2001a),

“Por crença, entendemos a função que mantém as representações. Seu modo de funcionar, posto em forma simples, consiste em favorecer, por vezes forçadamente, a adequação entre realidade e identidade, os dois pólos de qualquer representação.” (p. 155) . E em uma apreensão mais recente dessa questão, “a crença deixa de ser um atributo direcionado do sujeito para um objeto, e passa a ser constitutivo dele” (Campos, 2007, p. 120). É através da crença que Aquiles assegura sua identidade de herói em meio à guerra.

Assim como Aquiles,

(...) cada qual de nós cuida bem de seu escudo representacional. Do lado externo, estão gravadas as representações de realidade, que são todas as de que dispomos. Nome, família, casa, trabalho, time de futebol, etc. Cada uma delas, por outro lado – e com isso quero mesmo dizer *do outro lado* –, possui um correlato de identidade: meu nome, minha família, etc. Mesmo quando represento algo distante como uma estrela, hipotético como os anjos do Senhor, absurdo como uma girafa de duas cabeças, estou representando-me, por tabela. Ou, reciprocamente, quando falo de mim, quando digo que sou belo ou idiota, é uma realidade que se configura, também por tabela, uma representação verdadeira ou falsa do mundo que me inclui. Em cada representação, realidade e identidade estão em lados opostos da superfície, frente e verso. Entretanto, só a realidade é visível. A identidade é um vetor que me designa, um acusativo apostro à representação, a condição interior de minha realidade. (Herrmann, 2001a, pp. 151-152. Grifos do autor.)

A identidade se constrói assim como a realidade, mas é indivi-*dual*: une os aspectos único e social, indissociavelmente. O homem está sempre usando das representações para se

colocar frente ao outro, como também para si. A essa ação humana, Herrmann chamou de disfarçar-se.

Para o autor, o disfarce “é uma atitude eminentemente social que regula ou desregula a relação com o outro e que depende de uma convenção socialmente compartilhada, para poder tornar-se efetiva.” (Herrmann 1999b, p. 146). Disfarçamo-nos de inocentes quando o vaso se quebra e olhamos para a pessoa que está mais perto do estrago; disfarçamo-nos de pessoas educadas quando dizemos “bom dia”, “obrigado”. Aquiles, através do escudo, se disfarça de herói, defensor de um povo. Os disfarces são como as máscaras ou adereços que usamos e nos conferem ares de algum personagem, mesmo de forma tão sutil, como através de um olhar, um tom de voz.

A primeira coisa que nos maravilha na arte do disfarce é, com toda a certeza, a economia extraordinária de meios sobre os quais se suporta. Basta um mínimo, uma sugestão apenas de identidade, um sinal quase imperceptível no rosto ou no corpo, e a convenção teatral da sociedade, se a aproximação é lícita, incumbe-se de imediato do resto da tarefa: o indivíduo alberga-se na identidade suposta sem nenhum esforço visível. (ibid)

Essa convenção se dá justamente através da relação do indivíduo com a sociedade. Primeiramente, ela acontece, pois “é possível reconhecer no disfarce uma das marcas sociais (ou intersubjetivas) de nossa vida mental” (Herrmann, 1999b p. 149), como se reeditasse um jogo intrapsíquico. Além disso, “a sociabilidade interior é também garantida pela extensão do mundo externo, onde as experiências constituintes da identidade se deram, ao reino anímico,

onde vigem” (Ibid). Daí, a justificativa para o fascínio exercido pelo disfarce, pelo jogo de disfarçar-se.

A convenção, a crença social no disfarce, exerce uma função importante na construção da identidade do sujeito, visto que o outro legitima cada disfarce do sujeito, e as trocas desses pequenos disfarces lhe conferem a composição de um personagem principal que habita ali. A função é simbólica, sua importância e eficácia estão no sentido que produz. Ela resguarda o indivíduo de se perder em um vazio identitário. “A memória do eu, o eu-memória-das-coisas, ou seja, a dimensão identitária de minha vida, é aquilo que devo primariamente conservar”. (Ibid, p. 159)

Herrmann diz ainda que o ato de disfarçar-se reedita o nascimento do sujeito psíquico pela mentira original, ou seja, cada nova representação adquirida “é um novo passo na ruptura com o cerco das coisas – agora rompe-se até a prisão das coisas identitárias de meu mundo habitual”. (1999, p. 161) O disfarce, conclui o autor,

“é algo mais que a simples proteção, é um retorno à fonte de formação da identidade. Repetindo o processo original de constituição do eu, o ato de disfarçar-se está mais próximo do verdadeiro eu do sujeito que a identidade comum, quotidiana” (p. 162)

Assim, notamos que o sujeito carrega sempre a ilusão de possuir uma só identidade, visto que essa é uma construção permanente, e pautada em “mentiras”. Verdade é, para o sujeito, o ato de se construir.

A maneira como o teórico social Bauman (2005) trabalha o conceito de identidade também nos ajuda a percebê-lo como uma construção constante, fluida, líquida. O autor traz o conceito de identidade sempre relacionando ao contexto sócio-histórico. Com o advento do Estado, tal conceito estava ligado à ideia de pertencimento a uma comunidade, a uma nação. Esse autor conta que a ideia de “identidade nacional” não surgiu naturalmente na experiência humana, mas foi construída e desenvolvida na experiência humana a partir de uma necessidade do Estado de obediência dos indivíduos que ali habitavam, em troca de segurança e de um futuro. De acordo com o autor:

Estado e nação precisavam um do outro. (...) O estado buscava a obediência de seus indivíduos representando-se como a concretização do futuro da nação e a garantia de sua continuidade. Por outro lado, uma nação sem Estado estaria destinada a ser insegura sobre o seu passado, incerta sobre o seu presente e duvidosa de seu futuro, e assim fadada a uma existência precária. (p. 27)

Essa ideia de identidade nacional foi tão fortemente estabelecida, tão arraigada, que outras identidades eram negadas ao indivíduo:

A identidade nacional não reconhecia competidores, muito menos opositores. (...) Ser indivíduo de um Estado era a única característica confirmada pelas autoridades nas carteiras de identidade e nos passaportes. Outras identidades, “menores”, eram incentivadas e/ou forçadas a buscar endosso-seguido-de-proteção dos órgãos autorizados pelo Estado, e assim confirmar indiretamente a superioridade da “identidade nacional” com base

em decretos imperiais ou republicanos, diplomas estatais e certificados endossados pelo Estado. (Bauman, 2005, p. 28)

Hoje, porém, esse sentimento de pertencimento a uma nação não é de vital interesse político como o fora naquele tempo, período de guerras, conquista de territórios, fronteiras fechadas. O próprio autor, tendo vivenciado a experiência de ser excluído, exilado de sua terra, pode concluir que a identidade é constantemente construída e reconstruída a partir de cada situação, cada lugar, cada vivência. Diz ele:

Poucos de nós, se é que alguém, são capazes de evitar a passagem por mais de uma “comunidade de ideias e princípios”, sejam genuínas ou supostas, bem-integradas ou efêmeras, de modo que a maioria tem problemas em resolver a questão da *la mêmète* (a consistência e continuidade da nossa identidade com o passar do tempo). (ibid, p. 19)

Com a globalização e a anulação das fronteiras de mercado, a identidade nacionalista vem dar lugar a uma ideia de identidade mais pautada no indivíduo e no individualismo, bem como no estabelecimento de vínculos superficiais e transitórios com grupos, comunidades. Bauman coloca:

Globalização significa que o Estado não tem mais o poder ou o desejo de manter uma união sólida e inabalável com a nação. (...) Tendo transferido a maior parte de suas tarefas intensivas em mão-de-obra e capital aos

mercados globais, os Estados têm muito menos necessidade de suprimentos de fervor patriótico. (ibid, p. 34)

Uma identidade “sólida”, advinda de identificações inflexíveis, permanentes, como a identidade nacional, não cabe mais dentro da realidade contemporânea, globalizada, massificada. Com essas transformações, se o Estado não ampara mais a nossa noção de identidade, de outro(s) sustento(s) ela – a nossa identidade – precisará. Porém, o que nos são oferecidas hoje são *identidades*, no plural, ou seja, variadas possibilidades de ser um. A abertura de mercado pode ter sido o pontapé inicial para esse processo, mas a nossa realidade atual o sustenta de várias formas.

A mídia veio contribuir efetivamente com esse processo, nos ofertando diariamente diversas possibilidades de identificação e quebrando com valores “sólidos” que nos prendiam a formas mais rígidas de ser. Porém, o expoente máximo que ilustra perfeitamente esse cenário atual é a Internet, que possibilita que cada um construa e destrua identidades próprias instantaneamente. Embora essa liberdade possa parecer entusiasmante, percebemos posteriormente que ela também é causadora de angústia, carregada de inseguranças.

E de onde viria essa necessidade do homem de busca pela sua identidade, bem como pela identidade do seu grupo?

Se nos pautarmos em Herrmann, respondemos que, a partir da etapa onde o bebê rompe o cerco das coisas, ele perderá o sentimento de completude, e:

É verdade que o desejo de *autobastância*, para dar-lhe um nome, é a nostalgia de algo que nunca existiu nem se poderá concretizar. (...) Na

experiência da perda, a elaboração do luto dá-se por meio de um objeto que representa nalguma medida aquele que foi perdido, por carregar marcas comuns. (2001a, p.130)

Herrmann então diz que a perda da condição ilusória de autobastância seria propulsora dessa busca de si. A condição de desamparo, de não pertencimento a um grupo e a si mesmo, é condição de sofrimento, a qual o indivíduo evitará entrar em contato.

Para a pergunta anterior, acerca da necessidade humana de busca de si mesmo e de um grupo-identidade, também encontramos resposta em Bauman:

Quando a identidade perde as âncoras sociais que a faziam parecer “natural”, predeterminada e inegociável, a “identificação” se torna cada vez mais importante para os indivíduos que buscam desesperadamente um “nós” a que possam pedir acesso. (2005, p. 30)

Então, para a mesma questão, a resposta em Herrmann remete à constituição do psiquismo, ao ganho na capacidade de identificar-se com o outro, e ao desejo que leva às escolhas identitárias. Em sua citação acima, coloca a formação da identidade enquanto anteparo para o enfrentamento à condição de busca constante no mundo (outro), de algo que não poderá nunca ter sido – ou algo que só poderá ter sido, já que nunca foi – o que inaugura uma temporalidade distinta da habitual. Em Bauman, a resposta remete às transformações sofridas dentro das relações sociais, às mudanças nas referências a que o homem se apegava. Essa diferença separa a visão dos dois autores, sendo o que as une, a consideração de que o homem não pode estar só, sem referências, sem âncoras, e assim, ele busca no outro, na

sociedade e nas relações, aquilo que lhe faz falta. O homem é transpassado pelo mundo que nele fica, da mesma forma que ele transpassa o outro junto com esse mundo.

Recorremos, nesse ponto, outra vez a Debord (2003):

A alienação do espectador em proveito do objeto contemplado (que é o resultado da sua própria atividade inconsciente) exprime-se assim: quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos ele compreende a sua própria existência e o seu próprio desejo. A exterioridade do espetáculo em relação ao homem que age aparece nisto, os seus próprios gestos já não são seus, mas de um outro que lhes apresenta. Eis porque o espectador não se sente em casa em parte alguma, porque o espetáculo está em toda a parte. (p. 19)

Esses autores, dentro de cada visão, falam de um mesmo sujeito, aquele que perdeu referenciais identitários mais sólidos, pré-estabelecidos pela sua nacionalidade e por seu papel principal desempenhado ali, referenciais que ao mesmo tempo em que lhe cerceavam as possibilidades de ser, lhe traziam uma boa segurança, um porto certo para ancorar o seu desamparo. Um sujeito alienado, que não é dono de seu próprio corpo, de seus gestos, de sua aparência, do que produz. “O homem alienado daquilo que produz, mesmo criando os detalhes do seu mundo, está separado dele. Quanto mais sua vida se transforma em mercadoria, mais se separa dela.” (Debord, 2003, p. 20) E quais opções têm, então, esse sujeito da Sociedade do Espetáculo; em que ele pode se ancorar? Para Minerbo, a subjetividade se desalinha no contemporâneo:

“A subjetividade pós-moderna tem outra sensibilidade: é o estilo de vida que determina a identidade. É um movimento “de fora para dentro”. A experiência de ser não provém da interioridade, mas da construção da identidade a partir dos “tijolos” – dos elementos, dos signos – produzidos e oferecidos pela sociedade de consumo. Até o próprio corpo pode ser comprado. É uma identidade reificada.” (2009, p.7)

Os referenciais sustentadores da identificação migraram de dentro para fora. Mas é preciso considerar que dentro e fora são distinções transitórias, principalmente no mundo da realidade virtual, assim como o são o falso e o verdadeiro.

Estudaremos essa e as demais problemáticas levantadas, junto aos sujeitos dessa pesquisa, posteriormente. Trabalharemos melhor essa mudança de perspectiva trazida por Marion Minerbo. Por agora, os conceitos anteriormente trabalhados – identificação, nascimento psíquico, desejo, disfarce, representação, alienação – nos são úteis para entender o processo de construção identitária principalmente porque, através deles, e baseadas nos autores citados, temos a noção de que não se trata de uma construção delimitada, que acontece na infância e/ou na adolescência e posteriormente não sofrerá alterações. No entanto, eles nos servem para entender que a identidade é fluida, direcionada por uma estruturação psíquica que, por sua vez, também é dinâmica.

Pensando nos perfis de adolescentes encontrados nos sites de relacionamento (*Orkut*, *Twitter*), que aqui serão objetos de investigação, cogitamos: será que as identidades encontradas ali poderiam ser uma possibilidade de “nós” às quais os adolescentes estão se agarrando? Qual a função desses espaços para esse público?

Um último ponto favorável à discussão é a crescente frequência de debate sobre a identidade. Bauman (2005) aponta que o tema é novo e desafiador para a Sociologia, antes “permanecendo unicamente objeto de meditação filosófica. Atualmente, no entanto, a ‘identidade’ é o ‘papo do momento’, um assunto de extrema importância e em evidência.” (p. 23). Ele se apossa de uma ideia de Martin Heidegger para justificar tal fascínio:

“você só tende a perceber as coisas e colocá-las no foco do seu olhar perscrutador e de sua contemplação quando elas se desvanecem, fracassam, começam a se comportar estranhamente ou o decepcionam de alguma forma.
(ibid)

Está então, a identidade em crise? O desvanecer dos valores referenciais, dos escudos protetores, talvez estejam tornando visíveis os riscos que a humanidade-civilização atravessa, colocando um desafio para o próprio homem, seu construtor, relativo à sua continuidade.

Prossigamos na busca por esse entendimento. Mas antes, trabalharemos o conceito de realidade virtual e, posteriormente, conceberemos a construção da identidade inserida especificamente na condição da adolescência interligada ao contexto da realidade virtual.

4- A Realidade Virtual

“O mundo onde vivemos, sobretudo nas grandes cidades, tornou-se tão construído, tão fabricado, que uma crise curiosa se desencadeou. As pessoas começaram aos poucos a duvidar de que o lugar onde vivem seja mesmo real.” (Herrmann, 1999a, p. 14)

Quando falamos em realidade virtual, comumente pensamos em ficção, em aquilo que não é real, ou ainda imaginação, criação. Porém, adotando os conceitos de real e realidade da Teoria dos Campos, onde realidade é representação do real, sendo que o real é a lógica de produção dos sentidos psíquicos humanos, verificamos que realidade virtual é essa mesma realidade-representação, até porque, existiria algo, alguma realidade, que não seria construída? “E para lá das representações, que sentido psíquico podem ter as coisas?” (Herrmann, 1997, p. 28)

O espaço virtual não é apenas um lugar físico que desafia nossos limites geográficos. Ele possui uma lógica tanto espacial quanto temporal únicas, e a inauguração desse mundo trouxe repercussões significativas na vida do Homem¹, inclusive, psiquicamente. Essa lógica dita que é possível que estejamos em vários lugares ao mesmo tempo, o que ultrapassa a realidade concreta da física, que afirma que dois corpos não ocupam um mesmo lugar simultaneamente. A realidade virtual vem reconfigurar as limitações do corpo, às vezes anulando o próprio corpo. Com a realidade virtual, somos obrigados a nos *re-con-figurar*.

Esse trabalho versa sobre a virtualização referente ao lugar ocupado pela internet. Porém, é importante lembrarmos que a internet não inaugurou o virtual. O que tornou possível, em primeiro lugar, a existência do virtual, segundo Lévy (1996) foi a linguagem, que permitiu ao homem viajar pelo tempo, através das lembranças do passado e divagações sobre o futuro.

¹ Homem, com H maiúsculo, representando a humanidade, abarcando a mulher e o homem.

No que diz respeito aos artifícios tecnológicos, o telefone é um exemplo de virtualização da voz e da presença, da segunda metade do século XIX. Pelos avanços da medicina e biotecnologia temos também a virtualização do corpo, referente aos transplantes de órgãos, fertilização *in vitro*, filtragem de sangue extra-corpórea, marca-passo, silicone, entre outros artifícios. A farmacologia possibilitou mudanças no humor, nas sensações, eliminando a dor, o sofrimento, estimulando a felicidade. Os esportes contribuíram para a expansão dos limites de domínio do homem sobre a natureza, de sobrevivência sob condições desfavoráveis, à medida que ele pode escalar altas montanhas, saltar em queda livre, mergulhar nos oceanos, esquiar sobre água e gelo, em altas velocidades. Lévy (1996) diz a esse respeito:

Portanto o corpo sai de si mesmo, adquire novas velocidades, conquista novos espaços. Verte-se no exterior e reverte a exterioridade técnica ou a alteridade biológica em subjetividade concreta. Ao se virtualizar, o corpo se multiplica. (p. 33)

As tecnologias contribuíram significativamente para essas formas de virtualização dos corpos. A internet coabita esse cenário, mas ao chegar, se torna o expoente máximo do sentido de virtual, expandindo os limites para o ser e o estar, revolucionando a lógica espaço-temporal. O computador, juntamente com o acesso à rede, oferece maiores possibilidades de interação entre o homem e a máquina, como também entre o homem e o outro, entre ele e o mundo.

Ao mesmo tempo em que essa tecnologia trouxe praticidade, rapidez, alterando nossas noções espaciais e temporais, outra mudança importante aconteceu na lógica de construção identitária. No espaço cibernético, é possível ser o que se pretende: não há limites para o ser,

ou o parecer. Alguém com dificuldades de se relacionar com o seu empregador, com clientes, que dificilmente consegue manter um emprego, pode ser um excelente negociador de vendas virtualmente, adquirindo lucros e se sentindo realizado profissionalmente. Uma mulher com dificuldades de relacionamento amoroso pode conquistar um namorado virtual tanto no seu bairro como em outro país, o que pode culminar em uma relação pessoal posteriormente, com encontros no âmbito do físico, ou não, sendo a relação mantida no terreno do virtual, inclusive através de personagens criados para esse fim, de forma muitas vezes satisfatória para os envolvidos. E se a relação não der certo, se a satisfação acabar, “basta” *deletar* o outro de sua rede de contatos – as aspas representando que essa ação pode ser acompanhada de angústia, embora seja, aparentemente, simples.

As relações virtuais são aparentemente mais simples, dada a sua também aparente superficialidade, a possibilidade de se conectar e se deletar o outro instantaneamente, assim como as informações, como se ao eliminar alguns *bites* de memória do computador, se eliminasse também o outro de sua história, visto que muitas vezes encara-se o meio virtual como uma realidade paralela, surreal, ou um meio onde se possa brincar de se relacionar, em que não é preciso levar muita coisa à sério, afinal, o que se diz hoje, amanhã já foi ultrapassado.

Essas aparentes características de simplicidade e superficialidade escondem as mudanças subjetivas que essa tecnologia impôs à sociedade. É importante que não ignoremos essas transformações, percebendo-as em campos mais diversos, para que tornemos possível um trabalho reflexivo profícuo.

Um exemplo simples dessas mudanças é a influência do uso freqüente da comunicação via internet nas escritas e falas de crianças, adolescentes e até adultos nas escolas e faculdades. Professores se queixam constantemente de abreviações, uso de linguagem

informal em textos de linguagem culta, e percebem as dificuldades de grande parte dos alunos em desenvolver apresentações e textos mais elaborados, ensaios, redações, que não são tão objetivos. Isso acontece pois os textos virtuais, como nos sites de jornalismo, por exemplo, se caracterizam pela brevidade: as informações são objetivas, diretas e os textos são curtos. Assim também, esses grupos têm dificuldades de lidar com processos, com aquilo que demanda tempo, com a espera, já que no mundo virtual a temporalidade é imediata. O aluno prefere copiar textos prontos *on line*, para trabalhos da escola, a escrever os seus próprios – sabe-se lá se ele considera que tenha algo próprio a dizer, tendo-se em vista o “achatamento” das subjetividades. E também, as informações são vistas como presas ao momento atual, ao aqui e agora, destituídas de peso significativo; são provisórias e pouco confiáveis. A transição da pesquisa realizada em enciclopédias para pesquisa em sites de busca contribuiu para a forma geral de se pensar a informação.

Temos também, constantemente, a necessidade de acompanhar as mudanças, as inovações tecnológicas, para que não estejamos ultrapassados. Temos que digerir diariamente uma ampla gama de informações, incorporando-a em nossa rotina, sem tempo para pensar se, verdadeiras ou não, são ao menos úteis.

Assim como as transformações no modo de pensar, também ocorreram mudanças na maneira de sentir, ou de perceber os sentimentos. A confiança, por exemplo, é um sentimento posto em cheque pela realidade virtual. Se o que vemos na tela pode ser uma montagem, as fotos são frequentemente retocadas, a originalidade foi se tornando menos importante do que uma aparência “vendável”, ou uma aparência que impressione, que chame a atenção para certo fim. Se as fontes de informação não são dignas de crédito, e são, muitas vezes, desconhecidas, o “ver para crer” de São Tomé, nesse espaço, não é válido. Talvez pudéssemos dizer, no caso, que nos é exigido “crer para ver”, tendo essa inversão como

premissa para um mundo alucinado, ou tendo a crença alucinada configurando a nossa realidade.

Outra consequência do freqüente acesso ao espaço virtual é a mudança no sentimento de solidão do homem. “Os sistemas de realidade virtual transmitem mais do que imagens: uma quase presença” (Lévy, p. 29). Conectados, temos a sensação de não estarmos sozinhos, e de fato, é difícil dizer se estaríamos ou não, mas podemos afirmar que embarcado na realidade virtual, o indivíduo dificilmente se deparará com esse sentimento. Porém, para manter essa ilusão de contato, temos de nos manter conectados com frequência, o que alimenta um possível vício, algo semelhante a um medicamento para a solidão.

Benedetto Vecchi, em diálogo com Bauman, conjectura:

A introspecção é uma atitude em extinção. Defrontadas com momentos de solidão em seus carros, na rua ou nos caixas de supermercados, mais e mais pessoas deixam de se entregar a seus pensamentos para, em vez disso, verificarem as mensagens deixadas no celular em busca de algum fiapo de evidência de que alguém, em algum lugar, possa desejá-las ou precisar delas. (como citado em Bauman, 2005, p. 32)

O homem, dessa forma, não está mais só, desde que esteja *plugado*. “O corpo, no sentido estritamente virtual, assinala, portanto, o desaparecimento da vida em benefício de sua simulação” (Wunenburger, 2006, p. 4). O homem conseguiu simular a presença do outro, e sua presença para o outro. Ele pode também simular sua identidade, se ele pode ser criado e

recriado, e o outro também pode, simultaneamente à sensação de liberdade que essa possibilidade lhe dá, terá também uma sensação de desconfiança sempre presente.

Houve uma grande expansão da internet, e depois disso, a lógica que produz os sentidos das relações humanas na nossa rotina parece ser outra. É difícil não se deslumbrar com a velocidade das transformações promovidas pelo contato com os computadores e o ciberespaço, principalmente para quem viveu a popularização da TV, do telefone, e agora presencia a popularização do uso dos computadores e internet. Não pensamos que devemos olhar para essas mudanças com nostalgia, ou julgando a qualidade dos tempos. A proposta é que saíamos desse ritmo desenfreado, dessa lógica que elimina o pensamento, e possamos enxergar e pensar essas mudanças, seu contexto, e suas implicações na contemporaneidade, como também na psique do real. Um primeiro passo seria justamente compreender a relação entre realidade e virtualidade:

“A virtualidade não tem absolutamente nada a ver com aquilo que a televisão mostra sobre ela. Não se trata de modo algum de um mundo falso ou imaginário. Ao contrário, a virtualização é a dinâmica mesma do mundo comum, é aquilo através do qual compartilhamos uma realidade.” (Lévy, 1996, p. 148)

“O real encontra um sistema de representações que a um tempo o patenteia e o disfarça para a consciência: a isto chamamos realidade”. (Herrmann, 1997, p. 28).

Nesses trechos, os dois autores nos ajudam a pensar sobre o real, o virtual e a realidade, sobre as representações a que temos acesso e sobre as quais construímos o nosso viver, nosso pensar, nosso sentir, e nosso relacionar. Freud (1930b) já nos instigava a pensar nos meios

pelos quais o homem fez e faz uso para conseguir se manter em sociedade e buscar a felicidade, a realização. A religião era, para Freud, considerada uma ilusão criada para esses fins, e ele questionava quais outras ilusões o homem poderia criar para dar conta da civilização: “não poderão ser de natureza semelhante outros predicados culturais de que fazemos alta opinião e pelos quais deixamos nossas vidas serem governadas?” (p. 43). Não poderíamos então colocar nesse lugar a realidade virtual? A criação do virtual é também um domínio do homem sobre a natureza, sobre barreiras antes julgadas intransponíveis, como a temporal. É uma superação de limites, que também visa ao controle, o poder, o enriquecimento, e a dominação dos instintos, dos povos.

Pensando nessas questões acerca da realidade virtual, podemos perceber que através das representações, por via da interpretação, é possível nos aproximarmos do real, das regras inconscientes sobre as quais são construídos os sentidos humanos que regem nosso ser e nosso agir. “A realidade (...), dentro de cada conjunto de relações de um dado campo, parece dar conta do real inteiro, possui uma aspiração à unicidade e à universalidade”. (Herrmann, 1997, p. 28). Quem sabe, diante disso, podemos olhar para esse mundo que nos causa tanto estranhamento, e percebê-lo de forma mais aproximada ao que chamamos de lar.

5- Adolescer – A dor de ser

“Não creio que se possa falar de uma crise da juventude, senão de uma forma de crise dos jovens dentro de uma sociedade em crise” (Aberastury, 1983, p. 31)

Utilizamos o termo adolescente para nos referirmos aos sujeitos dessa pesquisa, e antes de prosseguir, se torna importante considerar tal escolha. O conceito de adolescência é recente, colocado a partir da modernidade nas classes burguesas, como o resultado do advento da sociedade industrial e capitalista (Guimarães & Grispun, 2008). Essa classe, através do Estado, direcionava os sujeitos dessa faixa etária para a escola, visando à preparação futura para o trabalho. Esse contexto nos favorece o entendimento de que estamos tratando de um conceito construído historicamente e socialmente, dotado de sentidos.

Para a Psicanálise, mais especificamente segundo Mauricio Knobel (Aberastury & Knobel, 1981), a adolescência não é apenas uma etapa da vida, mas é também “processo e desenvolvimento” (p. 9). Esse processo foi nomeado por esse mesmo autor como “síndrome normal da adolescência”, que se qualifica como “perturbada e perturbadora para o mundo adulto, mas necessária, absolutamente necessária, para o adolescente, que neste processo vai estabelecer a sua identidade, sendo este um objetivo fundamental deste momento da vida.” (ibid). É importante trazer aqui uma ressalva que Knobel acrescenta: “Logicamente, dou por subentendido que quando falo de identidade (...), falo de um continuum” (p. 26), para que entendamos melhor o que ele entende por identidade.

Além do objetivo principal de buscar a si mesmo e formar uma identidade, primeiro ponto considerado por Knobel, a síndrome normal da adolescência abrange outras transformações e características, que o autor enumera:

2) tendência grupal; 3) necessidade de intelectualizar e fantasiar; 4) crises religiosas; 5) deslocamento temporal; 6) uma evolução sexual que vai desde um autoerotismo até a heterossexualidade genital; 7) atividade social reivindicatória; 8) contradições sucessivas em diversas manifestações de conduta; 9) separação progressiva dos pais e 10) constantes flutuações de humor e estado de ânimo. (Knobel, Perestrello, & Uchôa, 1981, p. 2)

Arminda Aberastury pontua que nesse período de mudanças psicológicas, que estão correlacionadas com as mudanças corporais, inaugura-se uma nova maneira de se relacionar com os pais e com o mundo. Nas palavras da autora, “isto só é possível quando se elabora, lenta e dolorosamente, o luto pelo corpo de criança, pela identidade infantil, e pela relação com os pais da infância” (Aberastury & Knobel, 1981, p. 13), sendo que esses pais também precisam elaborar o luto de seus filhos infantis, encarando o seu próprio envelhecimento.

Aberastury e Knobel são dois teóricos que defendem a normalidade da anormalidade desse tempo, ou seja, de que um estado que aparentemente se configuraria como patológico, se faz natural num contexto de tamanhas exigências e transformações físicas e psíquicas.

Freud, no texto “As transformações da puberdade”, seu terceiro ensaio sobre a teoria da sexualidade (1905), indica que a questão biológica é um ponto fundamental, quando se refere aos adolescentes ou jovens. Para Freud, o ponto máximo da evolução sexual culmina na fase genital, com a “descarga dos produtos sexuais” (p. 196), evolução que só pode acontecer após o período de latência, com o desenvolvimento dos órgãos genitais: “Assim ficou pronto um aparelho altamente complexo, à espera do momento em que será utilizado.” (p. 197) Essas questões biológicas, fisiológicas, incluindo diferenças anatômicas entre homens e mulheres, são, para Freud, apoio fundamental para o desenvolvimento das teorias sobre o psiquismo.

Mas estaremos cometendo um equívoco se classificarmos sua visão como unicamente biologizante, visto que ao longo de sua obra, as questões sociais e culturais permearam suas teorizações sobre o sujeito psíquico, adquirindo um espaço importante, sendo, grande parte dessas, advinda de seus conhecimentos sobre o corpo e seus instintos. Na obra freudiana, corpo e psiquismo não são dissociáveis.

Contardo Calligaris, um autor contemporâneo que também contextualiza o tema, coloca: “A adolescência é o prisma pelo qual os adultos olham os adolescentes e pelo qual os próprios adolescentes se contemplam. Ela é uma das formações culturais mais poderosas de nossa época.” (2000, p. 9) Para o autor, a adolescência é um período de moratória¹, um tempo de espera que vem após o aprendizado das principais regras sociais adquiridas na infância. A criança se desenvolve adquirindo condições de conviver em sociedade, apreendendo seus valores, seus costumes. Por volta de 12 anos, ela já aprendeu o que a sociedade espera dela, ou que: “há dois campos nos quais importa se destacar para chegar à felicidade e ao reconhecimento pela comunidade: as relações amorosas/sexuais e o poder (ou melhor, a potência) no campo produtivo, financeiro e social.” (ibid, pp.14-15)

Porém, mesmo de posse desse conhecimento e das habilidades físicas e sociais para colocá-los em prática, os adultos chegam para lhes dizer que é necessário um tempo de espera, em que estarão se preparando melhor – sob a orientação deles – “para o sexo, o amor e o trabalho, sem produzir, ganhar ou amar; ou então produzindo, ganhando e amando, só que marginalmente.” (p. 16)

Calligaris pontua também que há um agravante para a sociedade atual; ela nos ensina e cobra um ideal de independência e autonomia, valores contraditórios à imposição de

¹ Esse termo (moratória) já era utilizado por Erik Erikson (1976), como um estágio de integração da identidade, onde o adolescente pode experimentar papéis diversos que darão, posteriormente, na vida adulta, uma definição à sua personalidade.

dependência feita pelos adultos aos adolescentes. Além disso, a cultura coloca o ideal de que a adolescência é um período feliz, outra contradição, visto que os adultos que dizem isso já passaram pela adolescência e vivenciaram seus conflitos.

Há então uma exigência imposta pelos adultos que parece clara: a de dependência e espera. Mas há também suas contradições, que denunciam o desejo dos adultos pela contestação e independência dos adolescentes. Calligaris coloca que os adultos, na verdade, idealizam a transgressão, e pedem de forma indireta/inconsciente aos adolescentes: “Faça o que eu desejo, e não o que eu peço”. (p. 28)

Nesse contexto, surge para o adolescente a rebeldia e a busca pelos grupos/ pares, como recursos de expressão à não-conformidade com sua condição, a de atuação do desejo dos adultos.

Herrmann (1997) também aborda esse ponto quando desconstrói a expressão “des-obede-serás”. O núcleo da palavra “obede” diz da conformidade com as regras estipuladas pela realidade, as normas consentidas, a moralidade: “Moralizado é o homem integrado na realidade” (p. 122). Porém, as regras estão postas para serem cumpridas, bem como transgredidas. O prefixo “des” cabe aí. Herrmann coloca que toda regra, para ser incorporada, precisa abarcar a exceção, ou transgressão. E a realidade justifica essa contrariedade, de forma a reforçar a importância da própria regra.

Devendo optar entre duas ou mais escolhas, em que uma delas se considera adequada à realidade, o sujeito é compelido a manter-se no plano determinado geometricamente pelo conjunto oferecido, seus possíveis são reduzidos a uma ou duas formas de oposição a certa norma, mas não corre o risco de escapar desse plano para outro qualquer. (p. 124)

Os termos “des” e “obede” restringem-se então a um mesmo campo, naturalizado por uma rotina que restringe as possibilidades (certo ou errado, bem ou mal). “Serás”, o complemento final da palavra, indica “que o lugar de vigência da moralidade é sempre o devir” (p. 125); o que mostra que o indivíduo vive a busca identitária através dos cumprimentos e descumprimentos das normas.

Esse modelo serve como interpretante para a situação vivida pelo adolescente como descrita por Calligaris anteriormente, referente à sua rebeldia diante das imposições feitas pelos adultos. Mas Herrmann aponta que, para além dessa ideia, precisamos atentar que esses “adultos” estão transmitindo uma regra que vai além deles: é da realidade, e dessa forma, regida pelo real. Calligaris parece estar coerente com essa ideia, quando denuncia:

Uma cultura em que a autonomia e a independência são os valores centrais e mais exaltados só pode se transmitir por um duplo vínculo, ou seja, por uma consignação paradoxal e contraditória. A virtude essencial que deve ser ensinada é, com efeito, a capacidade de desobedecer. Portanto, obedecer é desobedecer. Mas – complicação – quem desobedecer está obedecendo. Difícil tanto obedecer quanto seu contrário.

E completa:

Na sociedade pré-moderna, a divisão social era relativamente pacífica, estabelecida. Hoje, a divisão social é móvel e a posição de cada um depende, em princípio, do reconhecimento dos outros que se consegue ou não. É normal que ninguém esteja satisfeito com sua situação e que cada um tente melhorá-la. O adulto moderno transmite ao adolescente não um estado onde

ele poderia se instalar como se herdasse uma moradia, mas uma aspiração. Mais do que isso: ele transmite a seu rebento a ambição de não repetir a vida e o status dos adultos que o engendram. Ou seja, de desrespeitar suas origens, de não se conformar, de se destacar. (p. 29)

Os pensamentos anteriormente expostos no diálogo com os teóricos, sobre a adolescência, vem configurar nossa visão sobre os sujeitos dessa pesquisa. Considerando os questionamentos relativos ao conceito de adolescência – que ainda não é uma discussão conclusa – e o encarando, nesse trabalho, como um conceito construído histórica, social e culturalmente, não vemos como saída substituí-lo pela palavra juventude. Encontraremos uma distinção entre os dois conceitos relativamente à faixa etária: adolescência, de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), compreende a faixa entre 10 e 19 anos, e segundo nossa Constituição Federal de 1988, dos 12 aos 18. Juventude, segundo o que é convencionalmente adotado no Brasil, inclui a faixa etária dos 15 aos 24 anos (Guimarães & Grispun, 2008). Muitas vezes encontramos esses termos utilizados como sinônimos, como na obra freudiana¹, e dessa forma, não acreditamos na substituição do termo adolescente por jovem como solução para o conflito, embora o termo juventude pareça ser mais utilizado pelas ciências sociais, e adolescência, pelas biológicas.

A escolha por esse grupo como foco desse trabalho se relaciona prioritariamente com o fato de que essa geração de adolescentes com a qual convivemos é aquela que nasceu já com a possibilidade de inserção no mundo da internet. Desde a infância, grande parte desse grupo teve contato com os computadores, absorvendo as mudanças das últimas décadas de forma quase instantânea. Roza Júnior (2009) coloca:

¹ Segundo a tradução das Obras Completas pela Imago Editora. No caso Dora (Freud, 1905), por exemplo, os termos *jovem* e *adolescente* aparecem para falar da paciente.

“A lógica imperiosa da produção parece fazer do adolescente um exemplo do que se espera dos habitantes da contemporaneidade. Dito de outro modo, o adolescente foi eleito pela sociedade para que vivesse o pressuposto contemporâneo. É esse indivíduo que nasce e se estabelece com a tecnologia, de modo a acompanhar sua rápida expansão” (p. 16)

Além disso, compartilho da percepção de Vincenzo Bonamínio (2007) ao considerar a adolescência como um campo privilegiado de pesquisa:

(...) pela função que exerce de vínculo cultural entre gerações: as novas formas de descontentamento cultural perturbam a estruturação e o funcionamento da vida psíquica, em especial os processos de transformação e mediação, que são os mais frágeis e sensíveis aos efeitos metapsíquicos da intersubjetividade. À maneira de um observatório, a adolescência nos dá a chance de ver, quase em tempo real, o quão rápidas, totalizantes, transitórias e “inapreensíveis” podem ser as mudanças no modo de pensar e representar a realidade interna e externa, o quão incipientes e ao mesmo tempo abortivas elas podem ser. A adolescência ilumina aspectos do “mal-estar na cultura” (p. 161).

Acrescentando Knobel,

O adolescente apresenta uma vulnerabilidade especial para assimilar as projeções de pais, irmãos, amigos e de toda a sociedade. Seria dizer que ele é

um alvo propício para tornar-se o carregador dos conflitos dos outros e assumir os aspectos mais doentios do meio em que atua. Isso pode-se presenciar atualmente em nossa sociedade, que projeta suas falhas nos assim chamados “desvios da juventude”, os quais se responsabilizam pela delinqüência, pelo abuso de drogas, pela prostituição, etc.... (Knobel, Perestrello & Uchôa, 1981 p. 3)

Logo, o adolescente tratado aqui reporta a esse descrito por Bonamínio e Knobel, aquele que também iluminou na pesquisadora seu próprio mal-estar advindo de conflitos e questionamentos defronte a muitos aspectos da vida contemporânea.

6- As redes sociais: sites de relacionamento?

“O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens.” (Debord, G., 1997. p.9)

Vamos agora buscar um possível encontro entre a reflexão proporcionada pelos referenciais teóricos anteriormente citados com o nosso campo de pesquisa. Percebemos as redes sociais como espaços ricos em potencialidades reveladoras de lógicas que regem as relações dos adolescentes. Antes de partir para uma análise de perfis de adolescentes nesses espaços, trazemos aqui uma apresentação-análise mais específica sobre cada site. Começamos por dados gerais sobre o acesso às redes:

Pesquisa sobre o perfil dos usuários de redes sociais divulgada pelo Ibope Mídia indicou que 72% dos internautas já incorporaram às suas rotinas o hábito de navegar em sites de redes sociais. O levantamento foi feito nas regiões Sul e Sudeste, em capitais e arredores, entre maio e junho de 2010. Na capital do Rio de Janeiro, 80% os usuários estão conectados às redes sociais. Em Porto Alegre e região metropolitana, o índice atingiu 75%, e na região metropolitana de São Paulo, 71%. Crianças, adolescentes e jovens adultos são a grande maioria nas páginas, mas adultos e idosos também marcam presença. Entre a população internauta com mais de 55 anos, metade já está nos sites de relacionamento e, entre os adultos, já há uma penetração maior que 60%. Adolescentes de 15 a 19 anos somam 83%. A maior participação é de pessoas solteiras e que não trabalham e o acesso ocorre quase em sua totalidade na própria casa ou na de amigos. Os locais públicos, como lan houses, cabines, postos de internet, cafés e até escolas e

faculdades são mais utilizados por jovens que já trabalham, com uma jornada mais reduzida, como estagiários ou universitários. A maior taxa de trabalhadores usuários de redes sociais encontra-se entre jovens adultos entre 25 e 34 anos: 58% deles trabalham. (site: Cultura e Mercado)¹

Tais dados nos dão uma ideia da repercussão dos sites de relacionamento na vida dos internautas brasileiros. É possível vislumbrar aí um pouco do fascínio exercido pelas redes sociais. Partamos agora para considerações específicas sobre cada espaço.

6.1- *ORKUT* – “Igual à vida real”

O *Orkut* é um site de relacionamentos, ou uma rede social, bastante conhecido no Brasil, sendo que mais de 50% de seus usuários são brasileiros, dentro de uma estimativa de 90 milhões². De forma sucinta, trata-se de um espaço na internet a que se tem acesso a partir de uma conta pessoal (cadastrada através de um e-mail), com a criação de um perfil, construído por informações pessoais, fotos, vídeos, entre outras. O site funciona em um formato de rede, possibilitando o encontro – e uma vinculação – com amigos que também frequentam esse espaço.

Essa é a página eletrônica inicial do *Orkut* em janeiro de 2011. Trago-a aqui para nos ajudar a responder a questão: que função tem essas redes?

¹ Informações do Ibope, no site Cultura e Mercado, Recuperado em 31 de janeiro de 2011, de <http://www.culturaemercado.com.br/noticias/convergencia/72-dos-internautas-brasileiros-navegam-em-redes-sociais/>

² Dados do próprio site em 11 de janeiro de 2011. É preciso lembrar que esses números podem não ser factuais, visto que uma pessoa pode ter mais de um perfil.



Ilustração 1 - Página Eletrônica Inicial do Orkut¹

Essa apresentação é uma propaganda do conteúdo da rede. Visa convidar novos usuários a participar. E o que temos a ganhar ali? Ou para quê participaríamos? “Fale com todos os seus amigos”, através de “chats, scraps², e comentários”; “Interaja com seu melhor amigo, seu chefe e até com sua avó com privacidade”; “Você controla quem vê o quê”; e “Compartilhe fotos, vídeos e novidades facilmente. Participe de comunidades para assuntos de seu interesse”. Ganhamos então: comunicação, interação, versatilidade, privacidade – até nas conversas com a avó! –, controle e diversão. Tudo isso em um único site. Que tal?

Parece interessante, mas essas palavras-promessas são passíveis de maiores considerações. Para um leitor mais atento, despertam até desconfiança. Se a primeira ideia colocada diz que o *Orkut* é “Igual à vida real”, desconfiamos mais ainda. De imediato podemos pensar: o que é a vida real em um mundo tão fabricado? E mais: será que acreditamos que, no mundo relacional, cada vez mais vigiado, usufruimos de privacidade? E controle sobre nossas ações, será que o temos? Caímos na propaganda do site se nos esquecemos que esses valores – privacidade e controle, por exemplo, – não soam como objetivos dos usuários que se cadastram, e tão menos, dos administradores. Princípio do

¹ Recuperado em 12 de janeiro de 2011, de www.orkut.com

² Termo que se refere aos recados escritos nas páginas do *Orkut*.

absurdo. Afinal, como se exibir com privacidade? Entretanto, os usuários, adequados à rotina dali, ao entrarem na rede não levam isso tão a sério. Finge-se acreditar, pois sem a fantasia, a brincadeira acaba, e o campo se rompe.

Assim como na “vida real”. Penso que a sedução exercida para que participemos desse meio tem mesmo grande relação com suas semelhanças com a vida real¹. Porém, como saber o que aconteceu primeiro: as relações cotidianas estão sendo influenciadas cada vez mais pelas relações virtuais, ou seria o contrário, o nosso mundo real já estaria um bocado virtual antes mesmo da repercussão das redes sociais virtuais? Proponho que essas relações, cotidianas e virtuais, não são tão diferentes nos dois espaços, e que se alimentam da mesma lógica.

Recordo-me de Raleiras (2007) que traz a ideia de que o pensamento do homem está seguindo a lógica do computador. Pensamos como acreditamos que um computador pensa. Ou a tecnologia está sendo determinada na forma do pensar contemporâneo. No início, era necessário conhecer sobre o funcionamento de um computador para poder usá-lo. Hoje, a maioria de nós não faz ideia de quais princípios regem essa máquina, mas isso não nos impede de usá-la. Essa lógica de que não precisamos conhecer a fundo para utilizar, é transferida para nosso conhecimento sobre o mundo em geral, de forma que o conhecimento se torna superficial e fragmentado, bem como as relações.

Trazendo esse pensamento para o universo das redes sociais, percebemos que começamos a fazer uso desses espaços sem pensar sobre suas funções; como, para quê, por que se envolver? E isso não parece ter importância. O que faz parte da lógica explicitada, não diferente de outros espaços da “vida real”. Podemos pensar em tribos atuais de adolescentes, como por exemplo, os “emos” (adolescentes que possuem um estilo particular de vestimenta,

¹ Real, aqui, no sentido comum, não correspondendo ao sentido psicanalítico colocado na página 27.

corte de cabelo, e maquiagem padronizados, um humor mais deprimido, o interesse pelo estilo musical do “emotional hardcore”) e as “pró-anas” (garotas que defendem a anorexia como estilo de vida, recusando circunscrevê-la como doença). Tanto esses grupos como os de adolescentes que se inserem em certas comunidades do *Orkut*, não parecem pensar ou questionar que grupos são esses. Os grupos os representam pela imagem transmitida, mais ainda, a imagem é a aderência que se acopla à precariedade simbólica do jovem. Esse não sabe a que veio tal imagem, mas a usa para poder garantir sua presença no mundo.

Falemos agora sobre outra rede.

6.2- “Twitter: A melhor maneira de descobrir o que tem de novo no seu mundo.”

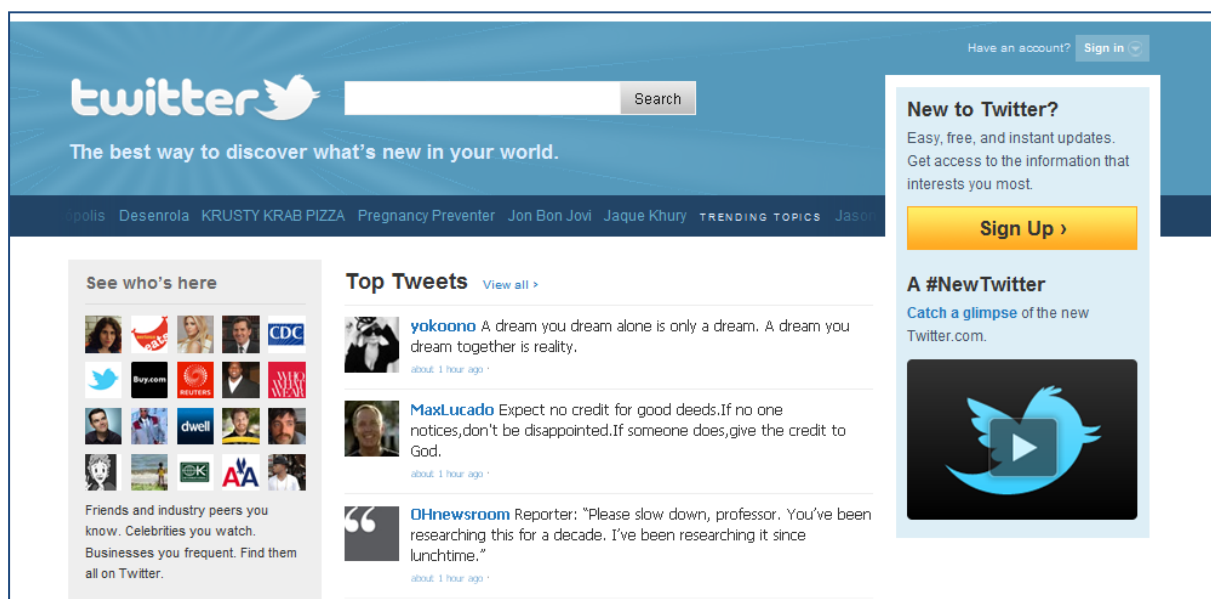


Ilustração 2- Página Eletrônica Inicial do *Twitter* ¹

¹ Recuperado em 12 de janeiro de 2011, de www.twitter.com

O *Twitter* é também uma rede social, um espaço onde o usuário, depois de cadastrado, cria um perfil com um nome, uma foto, uma imagem de pano de fundo, e posta frases curtas, de no máximo 140 caracteres, sobre o que quiser.

Nesse espaço, também é possível se descrever, mas de forma mais restrita, com até 160 caracteres. Você pode “seguir” outros perfis, de pessoas famosas, anônimas, “fakes”¹, programas de TV, jornais, etc. Caso o faça, tudo o que for escrito (os “*tweets*”) nesse outro perfil, aparecerá também na sua página central. Outras pessoas também podem te seguir, tendo acesso ao que você escreve. Você tem a opção de autorizar que qualquer pessoa veja o seu perfil, mesmo de fora da rede (sem cadastro no site), ou restringir que apenas os seus seguidores o vejam.

O *Twitter* não traz versão em português, assim como o *Orkut*. No Brasil ele está em crescimento em número de cadastrados, todavia, sua repercussão é consideravelmente menor. No Brasil, em junho de 2009, o *Orkut* continuava sendo a rede social mais acessada, segundo dados do Ibope Nielsen Online². Contando com 26,9 milhões de visitantes únicos em maio do mesmo ano, levava vantagem sobre o *Twitter* e o *Facebook*, empatados com 10,7 milhões.

A página inicial do *Twitter* afirma que esse site corresponde à “melhor maneira de descobrir o que tem de novo no seu mundo” (“The Best way to discover what’s new in your world”). Pela descrição anterior, é possível se ter uma ideia de uma das principais características desse espaço: mensagens curtas, informações resumidas. Para a realidade contemporânea, onde as pessoas dispõem de pouco tempo, esse é um recurso interessante. Alguns jornais possuem perfil no *Twitter* e enviam, diariamente, suas principais manchetes em *tweets*. A tradução de tweet, para o português, seria gorjeio, ou chilrear, que seria um som

¹ *Fake* traduz-se por falso, do inglês. Nos sites de relacionamento representam pessoas que se colocam com uma identidade diferente daquela do “mundo real”, representando-a com uma personagem.

² Dados recuperados em 02 de fevereiro de 2011, de <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2010/06/orkut-segue-lider-no-brasil-twitter-e-facebook-empatam.html>

emitido por pássaros, daí o símbolo do passarinho. José Saramago pontua, a respeito: "Os tais 140 caracteres refletem algo que já conhecíamos: a tendência para o monossílabo como forma de comunicação. De degrau em degrau, vamos descendo até o grunhido" ¹.

Então a melhor maneira de se descobrir o nosso mundo seria a maneira resumida? "Deixo assim ficar subentendido", diz a letra de Lulu Santos². Se temos que entender a notícia pela manchete, a música pelo refrão, ou o livro pelo resumo, muito ficará subentendido. E que assim seja, se é a maneira mais apropriada para os tempos atuais, tempo de ausência de tempo, tempo de pouco tempo para pensar.

Também conhecido como um microblog, o site diz que ali encontramos quaisquer informações que nos interessam: promessa que alimenta nosso desejo de onipotência. Seria muito bom conseguir todas as informações desejadas, mas, se paramos para pensar, é no mínimo absurdo imaginarmos que vamos obtê-las, e mais ainda, pelo *Twitter*. É certo que ali encontramos um número bastante amplo de informações, são milhares de postagens diárias, das mais variadas fontes. Trata-se de um número excessivo, e esse excesso combina mesmo com a nossa realidade. Estamos atolados de informações fragmentadas. Submersos nesse atoleiro não vemos e não entendemos como grande novidade o que o *Twitter* nos conta ou nos pulveriza sobre o mundo.

Para consumir o excesso, precisamos passar um tempo excessivo diante da tela do computador ou do celular. Um processo que se retroalimenta: uma "bola de neve". Assim, os *tweets* reforçam um exagero de cobertura na superfície, tamponando a profundidade.

¹ "José Saramago fala sobre Twitter, Lula e seu novo livro (em português)". O Globo. Recuperado em 29 de maio de 2010, de <http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2009/07/26/jose-saramago-fala-sobre-twitter-lula-seu-novo-livro-208101.asp>.

² Da música "Apenas mais uma de amor", composta por Lulu Santos e Nelson Motta.

Outro fator interessante que difere o *Twitter*, é que nele você não possui uma lista de “amigos”, organizada em rede, mas possui “seguidores”. Essa palavra sugere uma quase idolatria, como se cada usuário tivesse fãs interessados e dispostos a ouvir (ler) cada palavra dita (escrita). Assim como as demais redes virtuais, esse espaço nos dá ilusão de que quem é participante da rede nunca está sozinho. Haverá sempre alguém interessado nos nossos 140 caracteres, no que temos a dizer. A expressão popular, retirada da canção de roda¹: “aonde a vaca vai, o boi vai atrás” representa essa ação mecânica e instintiva – sem pensamento – de “seguir” o outro.

Os criadores do *Orkut* e *Twitter*, como também de outras redes amplamente conhecidas, como *Facebook*², ficaram milionários em relativamente pouco tempo, graças à aceitação de suas ideias à rotina de milhões de pessoas. Não pagamos uma mensalidade a eles pelo uso dos sites, mas lhe rendemos muito dinheiro indiretamente, por propagandas, anúncios, repercussão na mídia, etc. Difícil é mensurar o valor simbólico de tal envolvimento. O sentimento de solidão, de distanciamento, parece ser abolido. Contudo, o preço a se pagar por isso pode ser caro para o usuário que não raro se apegua a esse ancoradouro como se fosse um porto seguro.

É certo que essa forma de utilização dos sites de relacionamento, em que há um grande envolvimento em tempo e afetividade, não é a única maneira de lidar com a realidade virtual. Mas parece ser a maneira menos “gratuita” para usuários e também para os detentores do domínio dos sites, e a mais incentivada. A cada momento surgem novidades nos recursos de interação com os sites e com os amigos dos sites (jogos, programa de bate-papo, etc.).

¹ Música: João da Praia

² O filme “The Social Network”, de 2010, da Sony Pictures, dirigido por David Fincher, é uma ficção inspirada na história do criador do Facebook, que mostra como essa rede se tornou um grande negócio.

Voltamos então à pergunta: qual a função dessas redes sociais virtuais? Ou melhor, quais as suas funções? Nesse trabalho conseguimos levantar algumas. Mas a principal delas, penso, é o estabelecimento de uma nova roupagem para as relações humanas, uma roupagem bem ajustada ao nosso tempo, é certo, mas que trazem tanto questões atuais como primitivas dos campos dos relacionamentos.

Mais uma vez, ressaltamos que se tratam de espaços para ser, para se expressar, e para variar, uma contradição: um espaço que aparenta liberdade de expressão, que possibilita dizer o que a palavra é capaz, mostrar o que a imagem consegue, se paramos pra observar, bem lá no fundo, ou mesmo na superfície – pois como costumava dizer Fabio Herrmann: “Se no fundo, no fundo, todos somos iguais, então, vamos analisar a superfície” – encontramos um jeito tão parecido de ser, disfarces tão previamente editados. O que representa uma paradoxo bem adolescente, bem escancarado: quero ser diferente, mas como aqueles do grupo com o qual eu me identifico; quero ter a liberdade desde que eu não sofra de solidão.

Na parte seguinte, procuraremos, a partir da relação pesquisadora-usuários, maiores considerações sobre esse universo.

7- Pesquisa na rede: Quem sou eu? Quem é você? Quem somos? Quem é quem?

Para lidar com os conflitos de seu tempo, muitas vezes sentidos, mas não reconhecidos ou nomeados, os adolescentes tem em mãos o recurso da escrita. É tradicionalmente conhecido o hábito de escrever em diários, há pouco tempo ainda comum nessa etapa da vida. O diário é um instrumento que pode ajudar o indivíduo a se conhecer, é um espaço íntimo, que geralmente não é compartilhado, carregado de segredos, sentimentos, experiências, pensamentos, fantasias, etc.

Ao escrever, o sujeito não está apenas registrando o que tem em mente, mas se abre ao risco de se reescrever, de reelaborar sua história, seus sentidos. Bartucci (2001) considera “o ato de criação, da escritura, como criação de um sujeito, como lugar psíquico de constituição de subjetividade” (p.372). O filme *Paranoid Park*¹ conta a estória de Alex, um adolescente skatista que acidentalmente mata um guarda policial, não conta a ninguém, e faz uso da escrita em seu diário para elaboração desse trauma.

Freud (1911) reconhecia a relevância de se estudar e interpretar os escritos autobiográficos. Um exemplo disso foi a tão conhecida análise dos relatos de Schreber. A respeito da escrita em diários, ele disse:

O diário é uma pequena jóia. (...) Tudo é expresso de modo tão encantador, tão natural e tão sério nessas notas despretensiosas que elas não podem deixar de despertar o maior interesse em educadores e psicólogos... é seu dever, julgo eu, publicar o diário. Meus leitores lhe ficarão gratos (Freud, 1915, p. 355)

¹ Filme de 2007, do diretor Gus Van Sant.

Cairolli e Gauer (2009), no artigo intitulado “A adolescência escrita em blogs”, sobre o ato da escrita, dizem:

Fazer da própria vida uma ficção é o modo ocidental moderno de orientá-la e reorientá-la. Narrar a si mesmo não é diferente de inventar para si mesmo uma vida; assim, por meio da fala e da escrita pode ocorrer a produção de um sujeito, já que o ato autobiográfico, além de contar uma história, constitui a própria história daquele que conta (p. 208)

Esses autores trabalham as diferenças entre a escrita nos diários tradicionais e aquela nos *blogs*: a principal delas seria que a primeira acontece no domínio privado e a segunda, no domínio público. Mesmo assim, eles consideram que nos blogs há uma grande presença de conteúdos íntimos, agora compartilhados. Para eles, essa escrita inaugura uma nova linguagem particular aos adolescentes, e representa a transição do mundo infantil com a relação aproximada dos pais, para o mundo adulto. A escrita lhes possibilita a ruptura com os pais para a ligação com os pares, como um elo de ligação.

Ainda os referidos autores defendem que através das escritas dos adolescentes nos blogs podemos fazer uma escrita sobre a adolescência. Aqui, de forma semelhante, estamos buscando uma escrita sobre a construção identitária adolescente na contemporaneidade, através dos sujeitos que serão, nesse capítulo, apresentados.

A pesquisa propriamente dita será colocada a seguir, segundo uma ordem cronológica com que se foram dando os encontros da pesquisadora com os sujeitos. A primeira parte do capítulo trará minha primeira tentativa de investigação dentro das redes sociais, através da criação de uma comunidade no *Orkut*. A segunda parte será sobre a análise do perfil de Jhon, encontrado também nesse site. A terceira versará sobre um novo jeito de ser na rede: os

“fakes”, destacando alguns perfis e conversas. E a quarta e última parte dialoga com dois perfis encontrados no *Twitter*.

7.1- “Eu abro a geladeira pra pensar”

Bem no início desses estudos, em minhas navegações pelo *Orkut*, eu tinha curiosidade a respeito de como as pessoas se descreviam em seus perfis, visto que existe um espaço relativamente reduzido e específico para isso, que traz uma pergunta provocativa e, em minha opinião, de difícil resposta: “Quem sou eu?”. Sempre que visitava um novo perfil eu observava esse espaço, e, muitas vezes, encontrava descrições do tipo: “Sou uma pessoa extrovertida, alegre, porém, teimosa”, ou seja, a partir de adjetivos, ou que traziam alguma poesia, alguma citação, ou letra de música. Pensando nessas formas de dizer de si, criei uma comunidade intitulada “Quem sou eu?”, descrita da seguinte forma: “Se você tem dificuldades em se descrever em poucos caracteres, se você às vezes tem dúvidas de quem você é exatamente, entre!” Minha intenção era descobrir se alguém ali se perguntava “quem sou eu?”, ou parava para pensar na complexidade dessa pergunta, e ainda, como as pessoas liam as descrições de outrem.

Após a criação da comunidade, enviei um *link* para cerca de vinte amigos meus com um pedido de ajuda para desenvolver a pesquisa, na expectativa de que eles adicionassem a comunidade, e que, a partir daí, alguns amigos desses amigos também se interessassem e participassem da mesma. Foi um fracasso numeral! Apenas cinco de meus amigos a adicionaram, e nenhum deles fez qualquer comentário. Fiquei um pouco surpresa, no início, além de frustrada, pois parecia fácil adicionar qualquer comunidade. Algumas delas, no estilo

non-sense, encontravam grande repercussão, como por exemplo, uma intitulada: “Eu abro a geladeira pra pensar”¹, com 1.704.535 integrantes. Por que a minha não foi aceita?

É certo que talvez eu tenha falhado na divulgação da comunidade, que foi mínima. Meus amigos podem ter ficado constrangidos com a possibilidade de virarem sujeitos dessa dissertação. No entanto, esse acontecimento me fez perceber que eu estava oferecendo um espaço para o pensamento e discussão de um tema talvez não muito bem-vindo, ou seria o próprio pensamento não bem-vindo? Seria melhor deixar para pensar quando se abre a geladeira, diante dos alimentos, e não em um site de relacionamentos, em contato com as pessoas? E que tipo de pensamento cabe na cena da geladeira?

Herrmann e Minerbo (1998) teorizaram a respeito de uma mudança da moral anteriormente relacionada à sexualidade para uma moral da dieta alimentar. Os autores colocam:

Hoje, os valores morais da sexualidade encontraram nova mediação no reino dietético. Ocorreu uma migração. A migração dos valores morais da sexualidade para a dieta alimentar (...) carrega de desejo e culpa a culinária. Da mesma forma que todo homem e toda mulher sempre estiveram às voltas com a interdição sexual, hoje são compelidos especialmente a expressar tal gênero de interdição sob espécie alimentar. (p 20)

Os autores falam da recorrência do assunto dieta no nosso dia-a-dia. Não nos alimentamos mais por uma necessidade fisiológica e pelo prazer de comer, mas para a manutenção de nosso corpo-máquina, de acordo com o seu manual do usuário, que nos

¹ Recuperado em maio de 2011, de <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=3199401>.

promete que, fazendo uso dos produtos adequados nos momentos certos, estará garantido um pleno funcionamento e maior durabilidade da máquina humana. Caso optemos pela ingestão de uns pedaços a mais de costelinha de porco e da torta de chocolate – ou melhor, de mais lipídios, triglicerídeos e açúcares – do que a tabela nutricional para o nosso peso e idade recomenda, estaremos cometendo um pecado mortal, que deve ser confessado ao padre-endocrinologista, quem nos dará a devida penitência-dieta de desintoxicação. O prazer está aí, novamente, para ser evitado.

O ato de comer adquiriu novos sentidos e, dessa forma, ao abrir a geladeira, precisamos mesmo pensar – pela lógica de um pensamento em ato¹ – se daremos ao nosso corpo a salvação ou a condenação.

7.2 - Jhon e os fragmentos de identidade *prêt-à-porter*

Desistindo da ideia da comunidade, continuando minhas navegações, já tendo optado por estudar sujeitos adolescentes, resolvi procurar perfis até encontrar algum que me chamasse a atenção. Porém, nas visitas a perfis candidatos, me deparei com a dificuldade de saber se estávamos mesmo em perfis adolescentes, muitas vezes, não pelas descrições na página – seus escritos, fotos, comunidades – mas por não encontrar a idade dessas pessoas ou não poder confiar na idade colocada ali. No *Twitter*, inclusive, não há opção de descrição de idade.

Esse fato trouxe uma denúncia: não poderíamos buscar um “fato” ali, uma informação de certa forma mais concreta (idade) para nos deixar ilusoriamente seguros de que estaríamos lidando com os sujeitos prometidos: adolescentes. Assim, resolvemos nos desprender um

¹“É o ato que impõe um sentido ao pensar, invertendo a lógica que leva do pensamento ao ato”. (Herrmann, 2005)

pouco dessa idéia impossível para considerar a realidade que ali aparecesse. Nos deparamos com a condição adolescente.

A partir disso, consideramos também que as determinações cronológicas de idade no mundo real perdem seu sentido no mundo virtual. Na contemporaneidade, ou na era da funcionalidade, e do tudo tem que ser “pra ontem”, temos todos uma idade mais ou menos jovem, feliz, e principalmente ágil. É essa a condição adolescente.

O primeiro sujeito selecionado foi “ --> Jhon <-- ”, que se define com 21 anos, católico, simpático, diz não beber, não fumar, não ter filhos, ter uma “outra” etnia, e estar no *Orkut* para fazer amigos. Pela idade colocada, não se trata de um adolescente dentro dos limites da OMS, ou da nossa Constituição Federal, porém, seu perfil retrata bem a condição adolescente e nos suscitou pensamentos sobre a construção da identidade.

Essa é sua página:

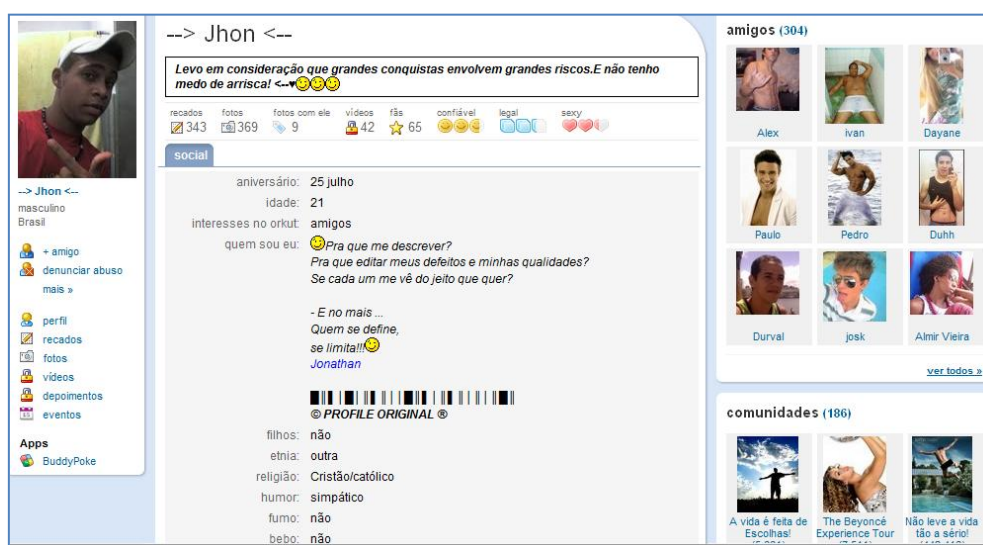


Ilustração 3 – Página do Jhon no *Orkut*¹

Para facilitar a leitura, transcrevemos a parte central da descrição de Jhon:

¹ Recuperado em 7 de dezembro de 2009, de <http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=5710741396863947642>

☺ *Pra que me descrever?*
Pra que editar meus defeitos e minhas qualidades?
Se cada um me vê do jeito que quer?

- *E no mais...*
Quem se define,
Se limita !!! ☺
Jonathan



©PROFILE ORIGINAL®

Jhon está nos contando da sua impossibilidade de ser um só, para ele mesmo e para os outros, já que cada pessoa terá uma ideia a seu respeito. Além disso, ele não quer limitar suas possibilidades de ser, ou parecer, e quando escreve: “*Quem se define, se limita*”, reafirma que quer e pode ser vários, e é interessante que logo depois assina o seu nome, “Jonathan”, provavelmente o nome que lhe foi dado, diferente de “--> Jhon <--”, apelido que usa para nomear sua página. A assinatura ‘Jonathan’ no final da descrição parece contradizer o que acaba de escrever, afinal, ele é alguém, com um nome, uma história; ele pode ser vários, mas algo o mantém nele mesmo. Esse ponto nos remete ao “sentido de imanência”, que Herrmann define como “a possibilidade de sentir-se fortemente o mesmo, através das várias mudanças de identificação que a vida traz. O mesmo ator em vários papéis, digamos.” (Herrmann, 1999a, p. 130) Esse sentido é fundamental para a saúde psíquica, sendo a sua falha uma condição para o delírio, ou seja, um mergulho no real, “escondido sob o tapete da realidade cotidiana” (ibid, p. 129)

Jonathan e Jhon são nomes de origem hebraica, de significados religiosos. Jonathan significa: presente de Deus, e Jhon – considerando como uma variável de Jonathan –,

misericórdia de Deus¹. Vemos que ele se define como cristão/ católico no seu perfil, embora não percebamos um perfil religioso naquela página.

No final da descrição, Jhon acrescenta um código de barras e escreve: “PROFILE ORIGINAL”, ou seja, perfil original, entre símbolos que representam marca registrada “®” e direitos autorais protegidos “©”.

Quando nos deparamos com o desenho do código de barras no perfil, podemos associar aquela descrição com um produto à venda, seja para consumo, seja para contemplação, como um quadro exposto em uma galeria. A partir desses símbolos, podemos pensar no perfil como uma propaganda, um marketing pessoal, que oferece ao leitor-consumidor uma imagem-produto, que se ele gostar, que compre: basta passar o código de barras na leitora e pagar o preço. Conhecer bem a imagem-produto não é necessário aqui, se a aparência agrada. Conhecendo ou não, o importante é que a imagem seja vendida.

Outras formas de dizer de si, além da descrição citada por Jhon, são através de seu grupo de amigos virtuais que aparece no topo da página à direita, e também, através das comunidades às quais ele pertence, ou aquelas que pertencem a seu perfil.

Os adolescentes, de forma geral, vivendo o processo de construção identitária, querendo muitas vezes se reconhecer como únicos e, ao mesmo tempo, parte da comunidade onde estão inseridos, tem diante de si uma gama de possibilidades de identificação. Os sites de relacionamento sugerem possibilitar a experiência de construção de vínculos de amizade, bem como a de manutenção desses vínculos. Através das comunidades do *Orkut* é possível encontrar pessoas com quem dividimos algo em comum, como por exemplo, ser fã de determinada banda, e partir daí, trocar afinidades e iniciar um vínculo. Nas mesmas comunidades, ou por um recurso de busca de informações, podemos reencontrar pessoas com

¹ Recuperado de <http://www.signomes.com/nomes-j2.php>, e também de <http://www.behindthename.com>

quem não temos contato há anos, colegas de escola, ex-vizinhos que se mudaram para longe, etc., e restabelecer vínculos.

“Diga-me com quem andas, que te direis quem és”¹. O que dizem de John as fotos de seus amigos? Podemos visualizar, em nosso recorte, apenas as fotos e nomes de nove entre seus 304 amigos do *Orkut*. O número 304 já nos chama a atenção para a ideia discutida anteriormente sobre a perda do lastro simbólico e da substância social, atribuindo aqui esses conceitos à questão da amizade. Afinal, que tipo de amizade é possível estabelecer com 304 pessoas? Torna-se necessário fazer uma ponderação sobre qual(is) conceito(s) de amizade estamos falando.

Aquela amizade tradicionalmente entendida como uma relação duradoura, independente de encontros freqüentes, mas pautada por lealdade, entendimento e aceitação das diferenças, companheirismo, afeto, perdão, essa talvez não caiba no mundo virtual, onde tudo é imediato, e muitas das relações são momentâneas, efêmeras. Temos a impressão de uma superficialidade, de que falta algo para sustentar essas relações.

As fotos dos amigos de John parecem peças de um quebra-cabeça que espelham o usuário em sua identidade em fragmentos. Não parece haver uma veiculação de ligação afetiva. Na exibição do corpo do outro há uma espécie de identificação em amálgama.

Também referente às imagens daqueles nove amigos, outra questão nos salta aos olhos: a sensualidade-sexualidade expressa nelas, onde a maioria (sete entre nove) se coloca em poses insinuantes, com disfarces sutis ou não (língua para fora, sem camisa, deitado, mão levantando a roupa). Podemos notar, ainda, que duas daquelas fotos foram tiradas de frente ao espelho, pelo próprio “modelo”, o que nos remete a uma cena narcísica. Os semi-nus, ou descamisados, também evocam imagens dos semi-deuses greco-romanos, presentificados na nossa sociedade de culto ao corpo-efêmero. Junto a isso, podemos perceber indícios de

¹ Ditado popular

homossexualidade nas figuras dos amigos. Quanto à sexualidade de Jhon, ele mais uma vez optou por não se definir, visto que existe a opção de se determinar homo, hetero ou bissexual naquela página, e ele não optou; apenas pode ter deixado rastros nas fotos dos amigos.

Pensando mais uma vez no número 304, Roberto Carlos canta em sua música: “Eu quero ter um milhão de amigos e bem mais forte poder cantar”¹. Caso ele tenha ingressado no *Orkut*, ou Facebook, é possível que já os tenha adquirido, contabilizados. Só não sabemos se ele se contentaria com um coro virtual. O cantor parece falar sobre enlaçar para ganhar força coletiva, irmanada. John, por sua vez, fala sobre aderir para se reconhecer.

Passando às comunidades de Jhon, dentre as 186 escolhidas, conseguimos visualizar apenas três: “A vida é feita de Escolhas!”, “*The Beyoncé Experience Tour*”, e “Não leve a vida tão a sério”. “A vida é feita de escolhas!”, outra realidade que parece, mas não necessariamente é. Ou como já citado anteriormente, temos várias opções de escolhas, podemos optar por qual produto consumir, mas não temos mais a opção de não consumir, de não escolher. “*The Beyoncé Experience Tour*”: uma expressão em inglês, citando uma cantora americana, que está “na moda”. E “Não leve a vida tão a sério!”, a qual trata de um bom conselho para se viver a contemporaneidade e, quem sabe, ser um pouquinho feliz: não leve nada muito a sério! É como se ouvíssemos: “leitor, não leve a sério o que eu escrevo, a foto que eu publico, as comunidades as quais eu pertenço. Isso tudo não diz muito, e o que diz, pode não ser verdade. Tenho meus amigos no *Orkut*, mas não é amizade de verdade. Eu posso ter uma namorada, mas também não é sério.” E essa é a mentira verdadeira ou a verdade mentirosa. Ouvimos também ao fundo: “Consumidor, não leve meu produto tão a sério, você vai descartá-lo, logo, logo, com apenas alguns cliques.” John na verdade não diz nada, por falta de recursos, e, sendo assim, é a imagem que diz, imperando.

¹ Música: “Eu quero apenas”, de Roberto Carlos e Erasmo Carlos.

Lembro-me de, em um de meus passeios pelo *Orkut*, ter encontrado uma descrição no espaço “Quem sou eu” de algum usuário a seguinte frase: “Veja as minhas comunidades”. Tais comunidades carregam a possibilidade de descreverem uma identidade. Minerbo (2009a) diz que, “pertencer a uma comunidade é fazer uma ‘proclamação instantânea do self’: amo isto, odeio aquilo. Elas funcionam como peças para que o sujeito componha um ‘mosaico virtual da identidade’” (p. 10)

Roza Júnior (2009) analisa o *Orkut* como uma “ilha de edição”. Ele explica:

Por ilha, entendemos a solidão desse homem frente ao mundo; e por edição, a seleção e combinação de conteúdos escolhidos para serem apreciados pelo outro. Assim, adentraremos em um conceito de ilha de edição como uma combinação de imagens escolhidas cuidadosamente pelo ser humano. (...) Este ser humano “ilha de edição” é ou seria um ser humano ilhado pela edição da psique do Real, agregado à máquina ou degredado pelo pensamento. (p. 38).

Apreendemos a edição de John como a de uma ilha cercada por pedaços do mesmo por todos os lados. Tanto as comunidades, como as fotos dos amigos, acrescidas de outras informações do perfil, são peças de um mosaico que forma a identidade de John, composto por fragmentos de eus-outros-mesmos-Johns.

Na produção de tensões à regra “descrição do perfil de John”, buscamos abalar as apreensões rotineiras para possibilitar o delineamento de outros campos, tais como: “como John reflete a construção identitária adolescente no mundo virtual”, ou “as revelações dos disfarces de John”.

Jonathan se disfarça de Jhon, e Jhon se disfarça de Jonathan. Jhon se disfarça de quem não liga, não se importa, não sofre, não leva nada a sério. Jhon se disfarça de “descolado”, está no mundo virtual, está inserido, está atual, é fã da *Beyoncé*. Ele se disfarça de “popular”, tem 304 amigos, não está só. Jhon se disfarça de mercadoria, mas com marca registrada e direitos autorais protegidos: mercadoria de qualidade! Nesse jogo de disfarce, nessa troca de vestes, vamos conseguindo apreender um pouco sobre esse sujeito e sobre o mundo que ele habita conosco.

7.3 - Um jeito *fake* tão verdadeiro de ser

Na busca por mais interação, encontrei outro caminho. Fui procurando comunidades de adolescentes com temas que lhes interessassem, que rendessem discussões, ou seja, comunidades ativas, com grande participação. E acabei me deparando com algumas comunidades de participantes *fakes*, cujos fóruns de debate estavam diariamente atualizados, repletos de novas postagens. Nesse momento eu decidi criar um perfil *fake*, a fim de mergulhar nesse submundo, dessa vez disfarçada.

Foi difícil começar, sentia a necessidade de buscar *amigos* para que tivesse por onde navegar, estava acostumada com o uso do *Orkut* como mais um recurso na relação com meus próprios amigos. Porém, com um perfil *fake*, quis me colocar mais proximamente da condição dos sujeitos e do fenômeno que estava investigando. Fui buscar “amigos”. Busquei Jhon, quis rever sua página após pouco mais de um ano em que fiz o primeiro acesso que me levou a análise anterior. Não o encontrei. Talvez ele tenha *deletado* seu perfil, o fato é que aquela página não está mais *online* no *Orkut*. Mas aqui está, e permanecerá *on*.

Entrei em duas comunidades imediatamente: Agência de Namoro *Fake* (ANF)¹ e Agência de Amigos *Fake* (AAF)². São dois espaços bastante parecidos. Os nomes contam da diferença: uma foi criada para formar namoros *fakes*, e a outra, amizades *fakes*. Mas quando entramos nos fóruns de discussão, essa diferença poucas vezes aparece. O objetivo maior é se “relacionar” através daqueles perfis *fakes*, inaugurando mais um recurso virtual para os encontros – consigo mesmo, e com o outro. Coloco o termo “relacionar” entre aspas, propositalmente, para que ao longo da discussão possamos nos atentar para que modalidade(s) de relação cabe(m) ali.

O mundo virtual pode nos servir como um laboratório para experiências com identidade, possibilitando os jogos, testes, como um espaço de adolescência prolongada. (Raleiras, 2007). Foi o que vivi. Os perfis falsos se prestam bem a esse fim. Ali, aparentemente, não há censura para o experimento de novas identidades. Digo aparentemente, pois quando olhamos de perto, vemos uma forma de censura que me parece particular ao mundo adolescente, de quem está buscando se inserir no grupo, de quem procura identificações, para quem o diferente às vezes assusta, pois coloca as referências identitárias já adquiridas em risco. Essa censura barra de imediato o outro-diferente, ou aquele outro que traz uma identificação que não pode ser reconhecida. Percebi tal censura e, ao criar o meu perfil, carregava uma sensação de que precisava captar elementos dos demais e imprimi-los em minha página a fim de convencê-los da minha falsidade. Precisava aprender com os *fakes* a ser *fake*. Queria parecer uma verdadeira *fake*, pois se eu fosse uma falsa *fake* eles iriam me descobrir, e eu estaria fora das relações e das conversas da comunidade.

¹Recuperado em março de 2011, de <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=3545867>.

²Recuperado em março de 2011, de <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=12747586>.



travis sativa
eu acho qui vc nao ta em posicao de dizer nada sobre ninguem seu cocosinho
19:11 (20 minutos atrás)



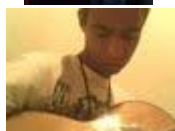
Sophya
Pronto, começou?
Vai começar aquela briga tosca dizendo que fake é idiota e pa pa pa (?)
19:11 (20 minutos atrás)



Вататина
Nada a declarar a você, u.u
19:11 (20 minutos atrás)



weberton
AAAAH , maais que voocê eeu teenho .
pelomenos meeu orkut não é capenga '-'
19:11 (20 minutos atrás)



tiago
sula cuidado com ele
kkkkkkkkkkkkkk
19:12 (19 minutos atrás)



Queen
morre porra.
19:12 (19 minutos atrás)



travis sativa
olha abandonando o topico pq nao tenho paciencia pra crianças dois beijos :*
19:12 (19 minutos atrás)



Pier
Só pra responder essa pergunta, eu entrei nessa CMM
Fake tem personalidade, você que não tem persolinade entrando nessa CMM FAKE
Sendo HORRIVEL IGUAL A VOCÊ.
19:12 (19 minutos atrás)



weberton
mas eh,pq se passar por uma pessoa...
e medo da aparência ou oque?
so queria entender...
19:12 (19 minutos atrás)



tiago
melhor topico q eu ja vi 🤔



Вататина
crie um e entenda pra depois ficar falando besteira :*
19:13 (19 minutos atrás)



Sophya
travis sativa
olha abandonando o topico pq nao tenho paciencia pra crianças dois beijos :*
19:14 (18 minutos atrás)



weberton
PIER, se vc e fake uh bom motivo ja tem,DEVE SER FEI ...
9:15 (17 minutos atrás)



Pier
Velho se toca, aqui é CMM Fake não para bies e CAPENGAS meligaqueeutetelefono
HUnf 19:15 (17 minutos atrás)
Pier
RIALT Gato, fei é teu passado ou até o presente KKKKKKKKKKKKKK
19:16 (16 minutos atrás)



Batatiina
não é porque somos feios temos fakes, agora já chega né bebe vai lá que mamãe ta te esperando pra toma leiteinho 🙄
19:16 (16 minutos atrás)



Pier
Seu tenso dos infernos. SAIDAE



Queen
Nem vou discutir com esse elemento. '-'
19:17 (16 minutos atrás)



weberton
PIER,SEI NÃO EM E FEI SIM...lol
19:17 (15 minutos atrás)



lindu* doockie
Weberton, parece favelado, tem uma namorada horrível, e só fotos rídiculas e ainda estão liberadas pra qualquer um, vem aqui na aaf e começa a falar merda. se quem tem fake é quem é feio, ti devia fazer um, porque né..
~fecha o tópico 🙄
19:20 (12 minutos atrás)



weberton
lindu* doockie,valeu pela atenção viu,coloca uma foto sua aii pra eu poder rir uh pouco...
19:20 (12 minutos atrás)



Pier
Velh, se toca.
Saindo da CMM
Beijos a todos s2.
19:20 (12 minutos atrás)



Вататина

Weberton, parece favelado, tem uma namorada horrível, e só fotos ridículas e ainda estão liberadas pra qualquer um, vem aqui na aaf e começa a falar merda. se quem tem fake é quem é feio, ti devia fazer um, porque né... UUUU isso ae 😊

Gatei tempo demais pra um criancinha sem nada a fazer :*

19:21 (11 minutos atrás)



lindu* doockie

weberton, fica na vontade cara KKKKK

19:22 (10 minutos atrás)



weberton

Вататина

tu precisa de ajuda...



lindu* doockie

só acho que ti não devia chegar falando merda de algo que ti ainda não compreendeu cara, sem querer te ofender ou criticar teu modo de pensar.

19:23 (10 minutos atrás)



Вататина

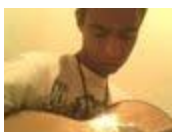
VSF -'-

19:23 (9 minutos atrás)

Вататина

PELO MENOS TERIA ALGO A FAZER

19:24 (8 minutos atrás)



tiago

lindu* doockie

fala assim naum o weberton

e meu cunhado

kkkkkkkkkkkkkkkkkkkk

19:25 (8 minutos atrás)



weberton

Вататина

teria mesmo viu

19:27 (6 minutos atrás)



. Little

você que entra em uma comunidade fake, escreve errado, tem orkut capenga, não é lá grandes coisas e nós que somos os feios sem personalidade ?, tem certeza ?

19:27 (6 minutos atrás)



Вататина

ENTÃO VAI LÁ E SEJA FELIZ,

meu eu só acho que tu não devia chegar aqui falar besteira só por fala, cria um fake então e vê como é primeiro pra depois falar, fica na sua, vai :*

19:28 (5 minutos atrás)



Valentine

se acha isso dos fakes , pra que entra em uma comunidade que não é para ofs ? af , se vocês tivessem fake iria saber a importancia que essa vida tem para nós , e como aqui conhecemos pessoas bem mais sinceras e que se importam com agente do que na vida real , na boa , se vocês não gostam ao menos nos respeite , porque não acho que ninguém daqui perca seu tempo indo em seu orkut e começam a dar palpites na sua vida (: , é isso .

Ilustração 4 – Fórum na Comunidade AAF

Quando comecei a navegar nas comunidades adolescentes, minha primeira dificuldade foi entender a linguagem de que eles fazem uso, repleta de abreviações, símbolos, e principalmente de novos termos, ou termos utilizados ali com novos significados. Além de buscar novos sentidos para o que lia ali, eu precisava também decifrar os sentidos rotineiros daquele campo. Um exemplo: “*off*” e “*offa*” – sendo *off* o masculino e *offa* o feminino – representam os sujeitos fora da internet, com suas “reais” identidades. Foi preciso um tempo para me acostumar a essa nova linguagem. Muitas vezes eu li conversas sem entender nada, me parecia um novo idioma. Cheguei a perguntar na comunidade o significado de alguma expressão, mas evitei essa ação para não desmascarar o meu *fake*.

Weberton, por sua vez, questionou: “*o que dizer dos fake?*” Ele faz essa pergunta numa comunidade *fake*, sendo que, clicando na sua foto, somos direcionados para sua página, que dá indícios de que ele não é um *fake*. Esse contexto dá margem para que os *fakes* se ofendam, se unam, e se defendam. Clamam a sua morte: “*ah, morre*”, “*MORREDIABO*”. Entretanto, trata-se uma morte de mentirinha, significa a saída do participante, e/ou o esquecimento daquele fórum. Caso os participantes parem de escrever em um tópico do fórum, ele ficará para trás, esquecido, essa é sua morte. Esses escritos me soaram extremamente violentos quando li nas primeiras vezes, mas com o tempo e com a frequência que se repetiam, fui entrando na rotina e deixando de me incomodar. Aqui é preciso resgatar o incômodo inicial, visto que ele denuncia mais um sentido marginal importante que não é afastado do centro sem propósito. Há uma banalização da agressividade, da violência. Essa também entra na brincadeirinha.

Não satisfeito, Weberton volta a atacar: “*foda não, não tem personalidade...*” (se referindo aos *fakes*, e o termo “foda”, como um elogio). Detalhe: ele é também ofendido por um participante logo antes: “*o House acha que com um nome desses você não devia nem ter Orkut*”.

O nome de Weberton, a partir do comentário ofensivo de House, nos chamou a atenção pela presença do termo *web*, prefixo em inglês muito usado na linguagem da informática como referente à internet (*website*, *webcam*, *webmail*). A crítica de House nos causa, então, estranhamento. O *Web* não devia ter *Orkut*, ou a *web* não devia? *Web* representa toda uma cultura tecnológica e estrangeira que goza de todos os “pobres diabos” que tentam ser alguma coisa, mesmo que essa coisa seja falsa.

Seguindo a discussão do fórum, as frases: “*olha abandonando o topico pq nao tenho paciencia pra crianças*”, e “*agora já chega né bebe vai lá que mamãe ta te esperando pra toma leiteinho*”, nos remetem a lembranças de nossas adolescências, e à ideia de que a melhor maneira de se ofender um adolescente é chamando-o de criança. Essa rivalidade entre os diferentes, entre os que se enquadram e os que não se enquadram em um grupo, é bastante semelhante ao que se vive fora da internet. Temos o grupo das “patricinhas”, que criticam os “alternativos”, que caçoam dos “nerds”, que se irritam com os *skatistas*. Há tribos onde há adolescentes. Mudam as roupagens e os pretextos. Nesses aspectos, não vejo grandes diferenças entre os tempos anteriores à internet e os atuais.

Contudo, no caso da *internet*, o que muda? De início, hipotetizamos um aumento da liberdade de expressão. Mas a discussão do fórum anterior refuta essa hipótese, haja visto o quanto Weberton foi censurado com sua opinião quanto aos *fakes*. Alguns também se autocensuraram, abandonando o tópico. Se tal liberdade é algo que se busca e se espera ver no mundo virtual, ela não acontece de fato. Talvez os *hippies* a tenham conquistado de forma mais efetiva do que os internautas.

Outro estranhamento na análise desse trecho aconteceu quando, ao olhar a foto de Weberton, suscitou-se a dúvida na orientadora: “*Mas esse não é o Jhon?*” Olhando atentamente percebemos semelhança entre as duas fotos. Porém, essa não é apenas uma coincidência entre Jhon e Weberton; quanto mais fotos eu via, maior a sensação de

familiaridade diante delas. São muitas fotos parecidas. Inclusive a foto da minha *fake*, Sofia, que encontrei em um site italiano, de festas de aniversário. Mostrei-a para dois amigos, e os dois me disseram que ela se parecia com uma adolescente que eles conheciam, sendo essas duas adolescentes diferentes. A construção de um perfil naquele espaço parece ter captado e reproduzido a lógica do “Ctrl C +Ctrl V”¹, e foi nessa lógica que entrei ao construir minha *fake*. O material copiado é um monte de fragmentos que se repetem espalhados e espelhados, e já não se sabe se é um ou muitos.

Nesse ponto podemos fazer um diálogo com o conceito de rosto, que Fabio Herrmann (1992) trabalha no texto “A Rani de Chittor”. Já trouxemos aqui os conceitos de identidade e desejo, sendo a identidade o conjunto de representações que vestem o corpo invisível do desejo, matriz simbólica das emoções. Herrmann acrescenta a noção de rosto nessa construção teórica, quando conjectura:

o corpo inconsciente da psique permanece para sempre inacessível ao conhecimento direto. Não haverá pois uma dimensão de autoconhecimento mais positiva e constante, um lugar onde possa entrever a forma geral e o sentido da minha vida psíquica; ou tudo é mutação e obscuridade? Esse lugar existe, porém está, por assim dizer, disfarçado posicionalmente: meu desejo aparece-me ordinariamente como um objeto desejado e fugidio, como se fosse um reflexo externo de mim ou uma miragem a atrair-me para fora. Corrigindo ligeiramente a idéia platônica de que o sujeito apetece o que lhe falta, pode-se dizer, ao que parece, que buscamos o que somos e, por isso, não temos. (Herrmann, 1992, p. 81)

Nesse momento, o autor define a noção de rosto:

¹ Atalhos do teclado do computador que fazem as funções de copiar e colar.

O rosto é a forma de minha história pessoal, algum dia acabarei por conhecê-la, mas apenas quando se completar e na medida de sua razoável completude, já que o ponto de vista absoluto é a rigor inalcançável.(...) Na prática, tenho sempre um sentido histórico de minha existência, mesmo sem precisar morrer para tanto. Há algo que me distingue fisionomicamente e que posso reconhecer, no duplo sentido de distinguir e sentir-me reconhecido por isso. (ibid)

Como a “forma total do meu desejo historicamente inscrito na vida” (Herrmann, 1992, p.81), o conceito de rosto nos remete àquilo que há de mais subjetivo que um indivíduo conseguiria construir na sua história relacional, ficando entre o desejo e sua representação. Mas como fica essa idéia nos nossos sujeitos *fakes*, sujeitos com rostos emprestados e tão *prêt-à-porter* quanto suas vestes? O disfarce em *fake* delineia uma espécie de caleidoscópio cujas peças-vidrilhos não se entrelaçam, mas se sucedem, estaticamente, em uma repetição estereotipada das fotos. O rosto são fragmentos-estilhaços, cuja imagem especular é feita de trincados como de um espelho quebrado. Assim, a subjetividade fica comprometida: são “sete anos de azar”! Ou seja, há um comprometimento que provavelmente afetará a vida desses indivíduos por algum tempo, visto que eles demonstram dificuldades em se reconhecerem e em conhecer e reconhecer o outro.

Mais recentemente, já no final da pesquisa, resolvi deixar que minha “*offa*” denunciasse minha *fake*, a “Sofia”, decidindo por perguntar mais diretamente o que tinha curiosidade de saber, e me coloquei como pesquisadora. Abri um tópico no fórum de discussões, perguntando o que representava para eles aqueles perfis *fakes*. Trago, a seguir, as respostas¹:

¹ De:

<<http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=12747586&tid=5581689706966922764&na=1&nst=1>>



pesquisa AAF

Sofia

olá, sou uma pesquisadora sobre o orkut. quero saber se alguém aqui pode me ajudar contando um pouco do que essa comunidade representa pra você, ou de como é ser fake . além disso, se puderem tirar umas dúvidas a respeito de algumas linguagens que só aparecem por aqui, vou gostar mto! obrigada desde já!



Sophie

Bem isso aqui é minha vida.. normalmente passo o dia inteiro aqui ♥
ser fake na internet é interagir com pessoas de varios lugares, é ser vs mesmo apesar do nome ser 'fake' de fake não tem absolutamente nada, nós sofremos, namoramos, casamos, temos filhos, melhores amigos(as)
enfim, uma segunda vida s2



lais

Estou a pouco tempo aqui mais é um vicio !
Fake realmente,se souber usar é muito divertido, ter um orkut fake é mais protegido que orkut normal e taus. Eu amo o fake, é muito bom falar com pessoas que te entendem.



Alana Balint

estou há mais de um ano na AAF, e aqui já virou minha casa. Vi muitas pessoas entrarem e saírem aqui, vi isso melhorar e piorar. Não é como era antes, mas aqui é e sempre vai ser a minha casa. Porque foi aqui que eu conheci as melhores pessoas.



Plushinilda

Fake ta sem graça. Essa cmm já foi melhor _fim



Kurt

Bom, eu simplesmente não vivo sem o meu fake.Pra mim, o fake é onde eu faço tudo aquilo que eu não tenho coragem de fazer em off, ou seja, com ele realizo meus sonhos.Ser fake ã é ser falso nem nada disso, aqui rola muito sentimento também.Fazer parte do 'fake' é tudo pra mim.



'DESATIVADA'
Diversão



Atena K

Estou aqui a pouco tempo,mas já tenho fake a uns dois anos,e assim como o fake,essa comunidade virou um vício para mim,eu amo muito muito estar aqui,e amo muito muito a minha vida virtual,meus amigos,e tudo de bom que o fake e a aaf me proporcionam,s2. Qualquer dúvida,estamos aqui sz



Sofia

q legal! mas uma curiosidade: alguém ja acabou conhecendo a verdadeira identidade de um fake aqui?



YELLOW ☺

AQUI NA AAF FOI ONDE EU CONHECI MEUS MELHORES AMIGOS, AONDE EU DESABAFO QUANDO NÃO ME SINTO BEM, É MUITO BOM PODER FALAR COM PESSOAS QUE NOS ENTENDEM, COMO DISSE A ALANA TAMBÉM JÁ VI MUITAS PESSOAS ENTRAREM E SAÍREM DAQUI.
NO FAKE NÓS SOFREMO MUITO, MAS TAMBÉM VIVEMOS MOMENTOS FELIZES, NO QUAL LEVAREMOS PRO RESTO DA VIDA.
ISSO AQUI É MINHA VIDA, MINHA MAIOR PAIXÃO c2 NÃO ME IMAGINO VIVENDO SEM TUDO ISSO.



Alana Balint

Conheço algumas pessoas que já se conheceram em off aqui da AAF. E uma vez minha amiga me disse "Aqui é fake, mas os sentimentos são do off" e acho que isso é a verdade...



UFF! Buby

fora daqui nós (eu pelo menos) nau sou nada 🙄



Kurt

Eu, particularmente. Não acho legal esse negocio de ficar conhecendo o off dos outros. Porque, acho que isso é pra ser fake e pronto. Mostrar o off tira a magia do fake.



Sofia

aham, entendi, kurt.

mais uma: vcs consideram que seu fake é muito diferente que seus offs?



Plushinilda

Não. Sou exatamente como sou no fake (=



Sophie

basicamente somos mais 'sociáveis' aqui do que em off (pelo menos eu sou assim)



Alana Balint

Minha fake é COMPLETAMENTE diferente da minha off.



Kurt

Tirando o fato que eu sou gay nessas 'duas' vidas. Sim, sou totalmente diferente. Na verdade, eu sou muito tímido em off, no fake ã.

Ilustração 5 – Fórum de discussão proposto pela pesquisadora

Da mesma forma que Weberton, eu também me perguntava: “o que dizer dos *fake*?” Mas diferente dele, pedi que os próprios me respondessem. Senti abertura do grupo, e uma diferenciação nesse tópico: a presença de narrativa nas respostas, uma linguagem mais cotidiana, com menos símbolos e desenhos, que pouco apareceu na discussão anterior.

Lendo essa discussão, me veio à mente a seguinte música:

- Quem é você?
 - Adivinha se gosta de mim!
 Hoje os dois mascarados
 Procuram os seus namorados
 Perguntando assim:
 - Quem é você, diga logo...
 - Que eu quero saber o seu jogo...
 - Que eu quero morrer no seu bloco...
 - Que eu quero me arder no seu fogo.
 - Eu sou seresteiro, poeta e cantor.
 - O meu tempo inteiro, só zombo do amor.
 - Eu tenho um pandeiro.
 - Só quero um violão!
 - Eu nado em dinheiro.
 - Não tenho um tostão... Fui porta-estandarte, não sei mais dançar...
 - Eu, modéstia à parte, nasci prá sambar.
 - Eu sou tão menina...
 - Meu tempo passou...
 - Eu sou Colombina!
 - Eu sou Pierrô!
 Mas é Carnaval! Não me diga mais quem é você!
 Amanhã tudo volta ao normal.
 Deixa a festa acabar, deixa o barco correr,
 Deixa o dia raiar que hoje eu sou
 Da maneira que você me quer.
 O que você pedir eu lhe dou,
 Seja você quem for, seja o que Deus quiser!
 Seja você quem for, seja o que Deus quiser!

(Noite dos mascarados, composição de Chico Buarque)

Nessa séria brincadeira de se fantasiar, esses adolescentes vão se exercitando na descoberta de si mesmos. É preciso se des-cobrir para trocar de roupa, a roupa-representação, que nos veste de nossa identidade.

Esses adolescentes que defendem seus *fakes*, reconhecendo ou negando nas personagens criadas um pouco ou muito de seus autores, se mostram apaixonados pelo jogo da fantasia, paixão que Herrmann (1999b) defende como inerente ao ser humano. A música acima fala sobre como a máscara proporciona deixar “para amanhã” a realidade para viver agora a fantasia, afinal, é carnaval! “Amanhã tudo volta ao normal”. Já os jovens do *Orkut*

estão vivendo um “carnaval” que não acaba na quarta-feira de cinzas; não tem prazo para acabar.

“*Não me diga mais quem é você*”. “*Eu, particularmente. Não acho legal esse negocio de ficar conhecendo o off dos outros.(...) Mostrar o off tira a magia do fake*”. Chico Buarque e Kurt estariam falando do mesmo assunto? Se considerarmos o momento da fantasia, parece que sim, esse é vivido com encantamento nos dois campos. Porém, para os mascarados de Chico, há uma verdadeira identidade que se revela no ato de tirar a máscara, e para poder brincar de carnaval, tira-se a máscara somente após o baile. A máscara *fake*, por outro lado, adquire importância de verdadeira identidade. Se ela é tirada, sobra o vazio, a dúvida total, uma angústia tamanha que é melhor não ser vista.

Em suas falas, os adolescentes contam o quanto se sentem amparados e ouvidos via internet, via *Orkut*, via identidade *fake*: “*aqui na aaf foi onde eu conheci meus melhores amigos, aonde eu desabafo quando não me sinto bem, é muito bom poder falar com pessoas que nos entendem*” (Yellow), “*aqui rola muito sentimento também. Fazer parte do 'fake' é tudo pra mim*” (Kurt); “*como aqui conhecemos pessoas bem mais sinceras e que se importam com agente do que na vida real*” (Valentine). Essas falas nos fazem perceber que a realidade fora dali, dos *off* e *offas*, não lhes parece tão acolhedora quanto a realidade virtual.

Passeando pela comunidade, encontramos também relatos nos fóruns sobre namoros que acontecem ali, e duram meses, até anos, sem que os namorados se encontrem pessoalmente. Muitos dos relatos são de demonstrações de afeto, amor, quando tudo vai bem, e ódio ou dor, quando vai mal. Essa intensidade chama a atenção, nos namoros e nas amizades, e questiono o que ela representa: será esta a síndrome-loucura normal dos excessos contemporâneos? Esses sujeitos parecem falar mais sobre o que desejam viver, projetando nas relações virtuais, do que sobre o que realmente vivem. A intensidade soa como uma projeção

de seus desejos. São fantasias sobre suas relações, e não relações propriamente ditas, como defendem.

E por falar em relações, fiquei mais curiosa ainda quando encontrei tópicos em que o proponente “conversa” sozinho, criando um tópico individual no fórum de discussão, como no recorte do seguinte caso¹:



MAL~Semp

momento da semp refleti

U.U'

14 fev

MAL~Semp

série : Aline - globo , toda quinta , após o BBB11

Nenhuma dessas palavras descreve o que eu realmente sinto por vocês. Nesses dois dias eu senti saudade de tudo. Do futebol de botão, das cuecas espalhadas pela casa, do pinga-pinga da torneira que vocês nunca fecham direito. A verdade é que esses defeitos me fazem a mulher mais feliz do mundo. E se isso não é amor, o amor não sabe o que está perdendo.

14 fev

MAL~Semp

"Toda vez que a gente escolhe alguma coisa, várias outras ficam pra trás. E aí bate a dúvida: será que essa cidade, esse emprego, essas roupas são as melhores pra mim? Será que essa história de amor é a minha?

Se essas perguntas forem feitas com medo, quem responde é a cabeça. Mas se forem feitas com amor, quem responde é o coração. E o coração nunca se engana."

14 fev

MAL~Semp

"essas coisas de amor agente não tem que entender , agente tem que viver."

14 fev

MAL~Semp

"Meu mundo existe sim, e eu quero que voce faça parte dele!"

14 fev

MAL~Semp

"...Passar um fim de semana em SP é correr riscos, você pode entrar numa loja da Oscar Freire e gasta em dez minutos o salário de um mês inteiro, almoçar no mercado municipal e sair dois quilos mais gorda, ir pra balada na sexta e só voltar na segunda... de maca! E no meio disso tudo você ainda pode se apaixonar perdidamente. De todos os riscos a paixão é o mais perigoso e também o mais inevitável. Mas tá aí um risco que vale a pena correr. Porque os fins de semana passam, mas as paixões são eternas"

14 fev

MAL~Semp

"que vontade de cortar os pulsos....os seus!"

(...)

MAL~Semp

como eu nao posso mas te ama ? como de uma hora pra outra isso aconteceu? COMO? me explica? é parece que eu so precisava de um empurrao pra ve isso .

24 fev

MAL~Semp

... parece que a cada conversa gosto mas de ti . e quando voce some parece que some algo dentro de mim . sua risada me contagia , seu sorriso , me faz sorrir , sua voz me encanta , seu sutaque , me enloquece , seu jeito me deixa louca , quando brigamos perco o chao , quando estou longe de ti perco a razao . sera que é amor? amizade ? ou paixao ? algo em mim brota , ou sera uma ilusao? '-' By: Alice (Semp)

¹ De:

<<http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=12747586&tid=5573481620738855443&na=1&nst=1>>
Nesse recorte, mantive a foto da usuária apenas uma vez.

24 fev
MAL~Semp
 ...e um medo incotrolavel toma conta de mim . nao sei se devo fica , nao sei se devo fugir .
 🙄
 (...)
MAL~Semp
 eu sei que ninguem vai le , mas que se foda . eu deletei a taga da minha vida . nao completamente , as vezes venho aqui relembra os bons momentos e me perco em lagrimas . bem mas o que eu quero dizer é que as pessoas que conheci aqui são inequecivel
 ((((((((((:(eu amo muito elas s2 bem eu sei que nao vo consegui fica longe do fake , então pros que realmete gostam de mim . aqui esta meu novo fake : sou_umfakesecsi@live.com - MSN E ORKUT beijos , amo voces s2
 09 mar
MAL~Semp
 saudades do null :s
 09 mar
MAL~Semp
 carnaval é tao futil '-'
 09 mar
MAL~Semp
 Aprendi
 a ter amor próprio, assim, não preciso que ninguém me ame.
 09 mar

Ilustração 6 – Recorte de caso: “Momento de Semp refleti”

Casos assim são comuns nas duas comunidades citadas. “MAL~Semp” propõe um monólogo em um espaço de diálogos. Que tipo de relação ela estabelece com seus pares da comunidade? Se é que podemos falar em relação. Não é possível nem ao menos saber se o que ela diz é dela, ou cópia de dizeres de outrem. Podemos dizer que ela está falando em resposta a Eco¹. Eco repete os sons. Mal~Semp convoca sons na forma de eco. Trata-se de um “ecoísmo”, em contraste a um ego-ísmo, visto que não conseguimos vislumbrar um ego bem estruturado.

Algumas questões importantes, pessoais, são colocadas ali como se fossem banalidades; elas falam sobre sexualidade, solidão, amor; falam sobre o olhar do outro, às vezes colocado como não sendo importante: “não preciso que ninguém me ame”. Então, essas vitrines virtuais foram criadas para eles mesmos, apenas? O próprio sujeito é responsável por montar, decorar sua vitrine, e ao mesmo tempo, é aquele que a admira. Os diálogos nessas comunidades parecem muito mais monólogos em grupo. Mas se o olhar do outro ali não

¹ Em referência ao mito de Eco e Narciso (Bulfinch, 2002)

importasse, para quê publicar um perfil virtual? Nessa perspectiva, nem Mal~Semp estaria falando sozinha, nem Kurt estaria dialogando efetivamente. A resposta verbal ou imagética do outro talvez simbolize o reforço da idéia de que há alguém que o lê, que percebe sua existência. Os internautas clamam por um reconhecimento que lhes possa dar um sentido de unidade na fragmentação do universo de onde provém. Mas o internauta, que supomos ouvinte, é na verdade a barreira que faz o som-escrita voltar, ecoando.

A interação, nesses casos apresentados, parece vir apenas para reificar as identidades fragmentadas *prêt-à-porter* – conectando com o termo “identidades *prêt-à-porter*”, de Rolnik (2007). O olhar-espelho do outro oferece apenas o reflexo da imagem primeira. Parece haver uma busca de um olhar com função simbolizante, como no modelo da teoria lacaniana do olhar-espelho da mãe. Mas parece que esse vem na forma de um olhar em eco.

7.4 – *Tweets*: gorjeios em eco

Passando para outra rede social, acrescento o perfil de Giovanna¹ no *Twitter*, corroborando com as idéias acima colocadas. Logo depois, apresento um recorte de alguns *tweets*² de sua página.

¹ Recuperado em 18 de março de 2011, de <http://twitter.com/#!/Gihpadovesi..>

² Para uma leitura em ordem cronológica dos *posts*, o leitor deve ler de baixo para cima, ou do último ao primeiro.



Ilustração 7 – Perfil de Giovanna no Twitter¹



¹ Recuperado em 18 de março de 2011, de <http://twitter.com/#!/Gihpadovesi>

- 

Gihpadovesi Giovanna Padovesi
@viihribeiro vlw mesmo amore (;
7 hours ago
- 

Gihpadovesi Giovanna Padovesi
@PeeEmanuel Ah ta +/-
7 hours ago
- 

Gihpadovesi Giovanna Padovesi
@viihribeiro Lindo é você =)
7 hours ago
- 

Gihpadovesi Giovanna Padovesi
@viihribeiro vlw vlw amore ><'
7 hours ago
- 

Gihpadovesi Giovanna Padovesi
@PeeEmanuel Boa tarde Pee =)
7 hours ago
- 

Gihpadovesi Giovanna Padovesi
15:15 ♥
7 hours ago
- 

Gihpadovesi Giovanna Padovesi
@viihribeiro Você além de lindo é super simpático amore ♥
7 hours ago
- 

Gihpadovesi Giovanna Padovesi
@_GabrielAmaral <http://twitpic.com/3kkuwk> - PERFEITO ♥
22 hours ago
- 

Gihpadovesi Giovanna Padovesi
@_GabrielAmaral Tudo bem amor ? ><'
23 hours ago
- 

Gihpadovesi Giovanna Padovesi
@viihribeiro Até parece que eu não iria tocar,logo pra você ♥
23 hours ago
- 

Gihpadovesi Giovanna Padovesi
@viihribeiro LÓGICO =)
23 hours ago
- 

xandegrah Xande Grah ↻ by Gihpadovesi
Ele : Não vou mais viajar > Ela : Por que ? > Ele : Por um motivo maior > Ela : E que motivo é maior que seu sonho ? > Ele : Você ♥
23 hours ago
- 

Gihpadovesi Giovanna Padovesi
@viihribeiro Amore agora eu não vejo a hora de aprender a tocar Onde estiver ><'
23 hours ago



FelipedsReis Hi I'm Felipe Reis by Gihpadovesi

Ainda lembra de mim? Houve um tempo em que eu era tudo pra você '.'

23 hours ago



Gihpadovesi Giovanna Padovesi

@_GabrielAmaral Boa tarde *---*

23 hours ago



Gihpadovesi Giovanna Padovesi

@viihribeiro Magina só sou realista amore ♥

23 hours ago



Gihpadovesi Giovanna Padovesi

@viihribeiro Ela é muito sortuda de ter você como namorado
#OMG

23 hours ago



Gihpadovesi Giovanna Padovesi

@viihribeiro Melhor eu parar se não sua namorada vai ficar brava
=X

23 hours ago



Gihpadovesi Giovanna Padovesi

@Gugarcia_ E o coração, tá melhor amor ?

23 hours ago



Gihpadovesi Giovanna Padovesi

@viihribeiro Assim tá melhor ! UAHSUHAS'

23 hours ago



Gihpadovesi Giovanna Padovesi

@viihribeiro Mais seria melhor se você viesse ;P

23 hours ago



TUDOERAS Leonardo Eras. by Gihpadovesi

"Já percebeu que se você tirar a parte AMOR da palavra
NAMORADA, sobra NADA?"

23 hours ago



Gihpadovesi Giovanna Padovesi

@viihribeiro Eu mando por Sedex ! UAHSUAH'

23 hours ago



Gihpadovesi Giovanna Padovesi

Super indico o LINDO e simpático do @viihribeiro ♥

23 hours ago



Gihpadovesi Giovanna Padovesi

@viihribeiro Vemk então (;

23 hours ago



Gihpadovesi Giovanna Padovesi

@viihribeiro Vlw pela indicação amore s2'

23 hours ago



Gihpadovesi Giovanna Padovesi

@viihribeiro Eu estou comendo trufa de chocolate branco da cacau
show ! haha'

23 hours ago

- 

Gihpadovesi Giovanna Padovesi
 @JaaoMartins seguindo =)
 23 hours ago
- 

Gihpadovesi Giovanna Padovesi
 @Douglasrafael_ É só vir aqui buscar =D
 23 hours ago
- 

Gihpadovesi Giovanna Padovesi
 @VictorNogueira Vou esperar hein bbe ;)
 23 hours ago
- 

Gihpadovesi Giovanna Padovesi
 @viihriibeiro O que me conta de bom amore ? (;
 23 hours ago
- 

Gihpadovesi Giovanna Padovesi
 @VictorNogueira Eu quero pão de queijo hein amoor s2'
 23 hours ago
- 

Gihpadovesi Giovanna Padovesi
 @viihriibeiro Tudo sim e você amore ? <3
 23 hours ago
- 

Gihpadovesi Giovanna Padovesi
 @viniiii_seg Não falo nadaa =x
 23 hours ago
- 

Gihpadovesi Giovanna Padovesi
 @viihriibeiro Que chocolate você gosta amore ?
 23 hours ago
- 

Gihpadovesi Giovanna Padovesi
 @VictorNogueira Tudo bem meu amoor ? s2'
 23 hours ago
- 

Gihpadovesi Giovanna Padovesi
 @viihriibeiro Ta bom,vou te esperar amore \o/
 23 hours ago
- 

Gihpadovesi Giovanna Padovesi
 @viihriibeiro Vem aqui buscar amore ;P
 23 hours ago
- 

Gihpadovesi Giovanna Padovesi
 @Douglasrafael_ Eu mando por Sedex então ! AUSHAHU'
 23 hours ago
- 

Gihpadovesi Giovanna Padovesi
 @viihriibeiro #UUUUPPPP
 23 hours ago
- 

Gihpadovesi Giovanna Padovesi
 @viihriibeiro Ah estou comendo chocolate amore ! haha'
 23 hours ago
- 

Gihpadovesi Giovanna Padovesi
 @VictorNogueira Ta bom ! tudo bem amor ? ♥
 23 hours ago

-  **Gihpadovesi** Giovanna Padovesi
@Douglasrafael_ Dou sim amr =P
23 hours ago
-
-  **Gihpadovesi** Giovanna Padovesi
14:14 @VictorNogueira ♥
23 hours ago
-
-  **Gihpadovesi** Giovanna Padovesi
@VictorNogueira Eu quero hein amoor s2'
23 hours ago
-
-  **Gihpadovesi** Giovanna Padovesi
@VictorNogueira Saudade de você bbe ♥
23 hours ago
-
-  **Gihpadovesi** Giovanna Padovesi
@viihribeiro Tudo sim e você amore ? (;
23 hours ago
-
-  **Gihpadovesi** Giovanna Padovesi
@Douglasrafael_ Vou sim ;)
23 hours ago
-
-  **Gihpadovesi** Giovanna Padovesi
@mmendes_ <http://twitpic.com/4adh1z> - LINDOO =)
23 hours ago
-
-  **Gihpadovesi** Giovanna Padovesi
@viihribeiro Amooooor <3
23 hours ago
-
-  **Gihpadovesi** Giovanna Padovesi
@Douglasrafael_ Comendo chocolate, quer ? ><'
23 hours ago
-
-  **Gihpadovesi** Giovanna Padovesi
@Geeuk12 Oie amr =)
17 Mar
-
-  **Gihpadovesi** Giovanna Padovesi
@viiiiii_seg Noss' ASUHAUHS'
17 Mar
-
-  **Gihpadovesi** Giovanna Padovesi
@Douglasrafael_ Tudo ótimo ! Fazendo o que de bom amor ? =P
17 Mar
-
-  **Gihpadovesi** Giovanna Padovesi
@Douglasrafael_ Tudo bem ? ><'
17 Mar
-
-  **Gihpadovesi** Giovanna Padovesi
@FelipeCantieri Ficou muito lindo amor *_-*
17 Mar
-
-  **Gihpadovesi** Giovanna Padovesi
@Douglasrafael_ Oie amoooo ;)
17 Mar



Ilustração 8 – Alguns *tweets* da página de Giovanna

Giovanna se apresenta em seu perfil no *Twitter* com uma frase, uma cidade, duas fotos, sendo uma de pano de fundo, e um *link*, que leva o internauta a seu perfil em um outro *microblog*, o “*Formspring*”. Ela tem 246 seguidores, segue 989, e já postou 3425 *tweets* até a data do meu acesso, data em que escreveu os 79 *tweets* acima. Giovanna se apresenta também nesse conjunto de informações, assim como nas entrelinhas, ou nos *entre-tweets*.

15 pessoas-perfis aparecem nos *tweets* de Giovanna, com quem ela parece estar interagindo. Mas a maioria das frases fica no “Oi, amor”, ou “Tudo bem, amor?”. Surge o assunto do chocolate que está comendo, e do amigo que é um bom namorado, mas esse assunto é melhor interromper antes que a namorada do outro leia as conversas, os elogios, e fique com ciúmes. Afinal, os 79 *tweets*, digitados ou copiados por ela, dizem o que? Interessam a quem? Se endereçam a quem?

Antes de prosseguir com Giovanna e com as respostas a essas questões, apresentamos também o perfil de Lucas Busch¹, a quem ela se refere em um *tweet*, acrescido de um recorte de *tweets*² de Lucas no dia de meu acesso.

¹ Recuperado em 18 de março de 2011, de <http://twitter.com/#!/LucasBusch>.

² Não foi feita a cópia exata do site, nesse recorte, a fim de otimizar espaço, e dar destaque ao próprio texto.



Ilustração 9 – Perfil de Lucas Busch Ferian

LucasBusch:

Saindo (:

2 hours ago

AAAH to pensando , fazer twticam , sim ou não ? UHSAHSHA

3 hours ago

Não tem ninguém para fazer comigo , sozinho e ruim !

3 hours ago

Estou com vontade de fazer uma twticam !

3 hours ago

Cheguei da escola comi e a estou aqui com vocês ((:

3 hours ago

Prova de espanhol amanhã logo mais vou estudar !

23 hours ago

Amo pagode PQP !

23 hours ago

Tudo que eu gosto sempre é difícil de se conquistar , e com você não vai ser diferente . Más eu vou conseguir

17 Mar

Por deus eu peço por favor não demora !

17 Mar

@[iisamaarano](#) me manda seu msn depois (((:

17 Mar

O meu maior medo e de não te ter por causa de outras pessoas !

17 Mar

Falei para ela que o lugar dela é do meu lado . E quem disse que ela me escutou ;/

17 Mar

Outra até pode me fazer mais não como você me faz !

17 Mar

Tudo o que eu gosto e sempre difícil de conquistar e você não vai ser diferente

17 Mar

Mina perfeita dominou meu coração !

17 Mar

Nossa jaja vai ter torneira de água e torneira de coca cola [#FATO](#)

17 Mar

é o fim com você também , ? pensei que seria diferente ;/

17 Mar

Vou estar na [@EazyTeen](#) dia 26.03 quase certeza , quero ver todas la !

17 Mar

Prefiro andar sozinho do que andar com não quer o meu bem !

17 Mar

Alguém que faz eu acreditar no amor (8)

17 Mar

Faz acreditar que eu faço valer !

17 Mar

Nossa fiz uma raspadinha agora ta mostro SUHSAUSH

17 Mar

Queria te chamar de " Amor " e ser seu namorado , pena que alguém ja ocupe esse lugar ;/

17 Mar

Obrigado por seguirem sz

17 Mar

Lucas tem, além desse perfil no *Twitter*, um perfil no *Formspring* (<http://www.formspring.me/LucasBusch>), outro no *Twitpic* (http://www.twitpic.com/photos/lucasbusch_), pelo menos cinco perfis no *Orkut* (<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=204315199660182388>), com 1000 amigos em cada um – o limite de cada perfil –, além de uma comunidade ali criada por ele mesmo (<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=29246816>).

No *Twitter*, Lucas segue 100 pessoas, tem 35561 seguidores, e já digitou 21907 tweets, números mais impressionantes que aqueles do perfil de Giovanna.

Quando um participante do *Twitter* lê as frases de Lucas, ele tem a opção de clicar – abaixo de cada frase – em “*Favourite*”, “*Retweet*”, ou “*Reply*”, ou seja, o leitor-seguirador pode interagir com aquele perfil via repetição – acrescentando as frases de Lucas em uma espécie de arquivos de *tweets* favoritos na sua página ou publicando aquelas frases entre os seus *tweets*, para compartilhar com seus próprios seguidores – como também via diálogo, respondendo ao *tweet* de Lucas.

Como Lucas se descreve? “*Meu nome é Lucas Busch Ferian tenho 14 anos , moro em campinas .. Quer saber mais ? follow and enjoy , ae quem sabe você descobre ... ♥*”. Ele apresenta uma foto de fundo em que abraça alguém, mas não conseguimos efetivamente ver a outra pessoa. E em sua foto principal, ele me remete à imagem do cantor norte-americano Justin Bieber, que tem feito um sucesso estrondoso entre as/os adolescentes da atualidade.

“*follow and enjoy*”! Siga e aprecie! Lucas coloca de forma mais clara na sua apresentação algo que percorre a sua escrita no restante da página, que diz de uma crença de que ele é adorador, que seu *Twitter* é lido e apreciado pelos seus seguidores, antes, curiosos a seu respeito. Alimenta essa idéia o fato de que ele tem os (no mínimo) cinco perfis do *Orkut* lotados, 1.528 membros na sua comunidade no mesmo site, e mais de 35 mil seguidores no *Twitter*. Esse é um número pra ídolos, realmente, e não para pessoas comuns, poderíamos

pensar. Mas em uma busca pela Internet, não encontrei outros sites sobre Lucas além de seus perfis nas redes sociais, sites que poderiam contar de alguma outra fama. A internet e as redes sociais dão um novo sentido à fama, criando celebridades que criam fãs-seguidores que parecem eles mesmos. Minerbo (2000) nos ajuda a pensar nesse fenômeno quando diz que essa maneira de ser celebridade “funciona como contraponto da massa anônima e impotente” (p. 141), que podemos relacionar a uma defesa do tipo formação reativa.

Lucas constrói sua identidade com um disfarce de famoso, que não deixa de ser verdadeiro. A propósito, em “A paixão do disfarce”, Herrmann (1999b) mostra que a identidade é um disfarce, não no sentido de ser falsa, mas por ser parcial; contempla as representações do indivíduo, que, quando postas em movimento – na troca das vestes ou máscaras – denunciam um desenho do seu desejo. O disfarce “esconde tanto quanto mostra” (Herrmann, 1999b, p. 150)

Quais outras representações aparecem em Lucas? Ele conta, de 140 caracteres em 140 caracteres, de outras questões, como de um amor não correspondido: “*Queria te chamar de “Amor” e ser seu namorado , pena que alguém ja ocupe esse lugar ;/*” Pouco depois escreve: “*Nossa jaja vai ter torneira de água e torneira de coca cola #FATO*”. O amor não correspondido parece ocupar uma boa parte dos escritos daquele dia. Mas nos intervalos desses, aparecem outros, como o da “torneira de coca-cola”, que se misturam ao tema prevalente. Há uma alternância entre um assunto que parece importante – o amor – e outros que parecem banalidades, e tudo fica nem banal, nem importante. Não há uma hierarquia de importâncias, e essa falta de hierarquia, semelhante à ideia de Herrmann (1999a) de falta do “sentido de hierarquia dos possíveis” (p.130), é condição delirante. A mesma ideia serve para os escritos de amor de Giovanna por seus amigos e sobre o chocolate que está comendo.

Lucas, antes de se despedir no site, tem vontade de “fazer uma *twitcam*”¹, mas parece não encontrar resposta imediata dos seus seguidores e se diz sozinho. Não sabemos o que o faz mudar de idéia, mas ele acaba disponibilizando o aplicativo, e quando termina a rápida experiência, pergunta para o “público”: “Quem gostou da *twitcam*?”.

O sentimento de solidão, já discutido previamente, aparece novamente aí. Giovanna e Lucas escrevem acreditando que alguém está lendo. No caso de Giovanna, muitos diálogos aparecem. Ela está, naquele momento, interagindo, ou melhor, há perguntas e respostas, ou há comentários para seus comentários. Possivelmente ecos em ressonância com os demais internautas. Já Lucas dispõe suas falas sem se referir a alguém, em uma espécie de livre associação, em ecoísmo, e em um determinado momento, precisa se certificar da presença do outro, visto que esse outro precisa requerer sua imagem via *webcam* para que ele possa realizar a exibição.

Herrmann (1999b) comenta sobre um excesso que pertence ao disfarce, que acaba não se sustentando, ou não sustenta a totalidade ilusória da identidade, como o travesti, que “em sua exagerada feminilidade, também mostra gritantemente o que pretendia esconder, sua condição de macho relutante”. (p. 158) Lucas deixa esse excesso escapar, com relação ao disfarce da fama, quando em um curto momento, de seguido por muitos passa a solitário, um deslize rapidamente solucionado pelo outro, que atende ao chamado e devolve a ele a máscara de ídolo. Assim ele mantém o sustento de sua fragilidade. O pronto-atendimento do outro torna desnecessária a troca de vestes-disfarces, e ele não precisa recorrer ao improviso, continua apare-sendo/ pare-sendo.

¹ Aplicativo que possibilita a exibição de vídeo online no *Twitter* para até 100.000 espectadores ao mesmo tempo

8- Um contraponto

Durante a construção desse trabalho, aconteceu uma série de revoluções no mundo árabe, como nos países: Tunísia, Egito, Iêmem, e Líbia, onde os cidadãos lutaram (e ainda lutam) pelo fim das ditaduras.

Houve uma grande repercussão na mídia sobre a manifestação dos jovens – que participaram efetivamente dessa importante luta pela liberdade – envolvendo as redes virtuais, especialmente *Facebook* e *Twitter*. A mídia deu um destaque importante a esse recurso. O que nos fez repensar sobre a pergunta já colocada: qual a função das redes sociais para esses jovens?

Estamos falando, obviamente, de dois (ou mais) contextos particulares e distintos: brasileiros e árabes. Os sujeitos de nossa pesquisa, apreendidos enquanto adolescentes, estão inseridos em um país em regime democrático. Nosso país passou há algumas décadas por uma ditadura (de 1964 a 1985), e durante esse período, o movimento estudantil teve particular papel e importância. Naquele tempo, a população não tinha acesso à Internet, e a organização dos protestos teve que acontecer de outras formas. E aconteceu.

Grande parte dos adolescentes e adultos jovens do mundo árabe, ao contrário, nasceram e cresceram sob a ditadura. Poderiam passar uma vida inteira sem questionarem seu regime político, alguns inclusive defendem seus ditadores, colocando-os no papel de pai e protetor.

Contudo, grande parte deles estava (provavelmente ainda está) vivendo um momento de crise, com alto índice de desemprego, e sem perspectivas de mudança. No Egito, por exemplo, “dados gerais da OIT¹ mostram que dois terços dos jovens com menos de 30 anos não trabalham e têm baixas perspectivas de se encaixarem no mercado de trabalho”². Além

¹ Organização Internacional do Trabalho

² Recuperado em 26 de março de 2011, de <http://www.investne.com.br/Internacional/insatisfacao-popular-no-egito-e-fruto-do-elevado-indice-de-desemprego>.

disso, alguns desses jovens conheceram mais de perto a democracia, tiveram contato com o mundo ocidental em universidades fora ou mesmo dentro do país. Wael Ghonim, egípcio, 30 anos, engenheiro de computação com MBA na Universidade Americana do Cairo, foi um dos principais ativistas e líderes dos jovens manifestantes. Vejamos o seu perfil no *Twitter*:



Ilustração 10 – Perfil de Wael Ghonim¹

Ghonim é um executivo da Google que trabalha em Dubai, mas voltou para sua terra para lutar pela liberdade junto ao seu povo. Seu principal instrumento foi a escrita nas redes sociais (*Twitter* e *Facebook*), e ele chegou a ser detido por 10 dias por conta das repercussões de seus posts. Mesmo assim, o jovem líder disse: “Não sou um herói. Eu só usei o teclado, os heróis reais são aqueles que estão nas ruas. Aqueles que não consigo nomear”². Ele dá a dica de que por maior que seja o movimento virtual, uma revolução dessas só acontece quando sai do computador, com os protestos nas ruas e praças públicas, gritos, pedradas, mortos e feridos;

¹ Recuperado em 26 de março de 2011, de <http://twitter.com/#!/ghonim>.

² Recuperado em 26 de março de 2011, de http://www.publico.pt/Mundo/wael-ghonim-foi-a-injeccao-de-adrenalina-que-reanimou-a-revolta_1479153

um número significativo de gente que sai de casa para brigar por algo em comum. A sua participação não pode ser descartada, mas caso ainda não houvesse internet, esses jovens, que estavam nos seus limites, poderiam ter encontrado outros meios de se organizarem.



Ilustração 11 - Foto: Khalil Hamra¹.

Essa foto mostra manifestantes na praça Tahrir, principal praça no centro do Cairo onde aconteceram os protestos dos egípcios pela queda do ditador Mubarak. De acordo com Ghonim, esses são os heróis que conseguiram com suor e sangue a renúncia de Mubarak.

O manifestante em destaque na foto está munido de disfarces de guerrilheiro: uma pedra na mão (as pedras retiradas do chão da praça foram a principal arma dos protestantes contra o exército do governo), um escudo improvisado, *jeans*, um lenço na cabeça, uma postura. Uma bela foto, que nos remeteu imediatamente ao “Escudo de Aquiles”, de Herrmann (2001a). O

¹ Essa foto ilustra a reportagem: “E os jovens foram à luta”, no jornal Estado de São Paulo, caderno Aliás, 06 de fevereiro de 2011.

guerreiro egípcio vai à luta carregando o que ele é, o que seu povo é, e o que querem se tornar.

Tanto esse guerrilheiro quando Wael Ghonim, cada um com suas armas (pedras e letras), estão efetivamente implicados na revolta de que participaram. Não há superficialidade aí. Não há excesso, ou se há, ele é fundamental para tamanha batalha. Há lastro simbólico dando sustentação ao que estão fazendo.

Diferente disso é o que podemos ver em movimentos como o “Fora Sarney”¹ no Brasil, que repercute em sites, blogs, perfis no *Twitter*, *Facebook*, entre outros, com milhões de adeptos, infinitas discussões, mas que, desde o seu nascimento, há quase dois anos, conseguiu apenas algumas passeatas com no máximo algumas dezenas de manifestantes, em 2009, e nenhum resultado efetivo até agora. Suas inúmeras falas caíram no esquecimento, assim como as tantas denúncias sem respostas que sofreu nosso atual presidente do senado. Tal manifestação parece ter se alimentado do próprio ato de manifestar, de brigar, de fazer barulho e provocar repercussão, um exemplo do que Herrmann chama de ato puro:

ato que não se cumpre em vista de um objetivo racional, meditado e debatido de antemão, que não se alia a outros atos socialmente deliberados, mas cuja realização apenas cumpre o mandato de produzir efeitos e mais meios, para maiores efeitos” (Herrmann, 2003a, p. 238)

É certo também que a presença de José Sarney no cenário de nossa política atual não traz para os nossos jovens as mesmas limitações que a ditadura de Mubarak aos jovens egípcios. Mas não podemos dizer que não temos por que lutar, que nossos adolescentes estão com o futuro garantido assim como reza nossa constituição democrática. Ditaduras veladas talvez

¹ De <www.forasarney.com.br> e <<http://twitter.com/#!/forasarney>>. Acessos em 26 de março de 2011.

sejam inimigas tão difíceis de serem derrubadas quanto aquelas declaradas. Mas muitos de nossos adolescentes estão imersos nesse modo de viver desde o nascimento, e podem também passar uma vida inteira sem questionar esse modelo, sem pensar sobre ele, reproduzindo-o.

No Egito, fragmenta-se o solo como recurso de arma de defesa e de combate. A mediação tecnológica ajuda a difundir uma inquietação, e serve de retroalimentação para a conjugação dos afetos e das ações. Nos sujeitos de nossa pesquisa, a identidade é fragmentada em ilhas de partes iguais, repetidas. As redes sociais também transmitem suas inquietações, mas que podemos captar na contratransferência, diante da angústia causada por tanta repetição e vazio de subjetivação.

A maneira contrastante de uso e relação com as redes sociais ilustrada pelos jovens árabes, em comparação ao uso do mesmo espaço pelos sujeitos de nossa pesquisa, não é certamente o único contraponto possível à lógica de pensamento exposta até aqui, que denuncia a crise de subjetivação corroborada pela proliferação de identidades fragmentadas prontas para consumo no ambiente virtual. As possibilidades de uso desse recurso são mesmo muito amplas, e em outras culturas – como até mesmo na nossa e na árabe – pode-se encontrar outros sentidos e funções para além do que essa pesquisa abarcou.

9- Considerações finais

Começamos esse estudo buscando, para diálogo, os adolescentes da contemporaneidade. À medida em que fomos para o espaço da internet, a problemática da idade nos fez reconhecer que nos deparávamos com sujeitos em condição adolescente.

Esses sujeitos em processo de adolecer, tendo acesso ao ciberespaço – que acreditamos ser a grande maioria deles – tem diante de si novas possibilidades de construção identitária. As redes virtuais são muito novas, o *Orkut* foi criado em 2004¹, e o *Twitter*, em 2006², e essas, entre outras, obtiveram grande repercussão especialmente entre os brasileiros adolescentes e jovens adultos.

Nos ambientes sociais-virtuais, esses indivíduos tem a chance de conhecer pessoas de todo o planeta, e de se relacionarem com elas, o que nos faz acreditar – antes, mais do que agora – que eles detêm uma grande riqueza em mãos: possibilidades infinitas de encontros e trocas.

Porém, ao navegarmos nos sites de relacionamento aqui colocados, assim como pelos perfis adolescentes expostos, tivemos, ao contrário, um encontro com um repertório empobrecido, repetitivo, extenso – porém, vazio –, e muitas vezes desinteressante. O excesso de escritos, fotos, discussões, vídeos, amigos, etc., parece tamponar a ausência de contorno e os vazios que separam os fragmentos das ilhas-identidades, bem como o ecoísmo dos “diálogos”. Espaços teoricamente propostos para a liberdade de criação e de interação se revelaram lugares de repetição e solidão. São esses os lugares que fascinam tanto os adolescentes. E o que isso nos diz a respeito da psique do real?

O mundo em que vivemos não está amparando nossos adolescentes em uma construção identitária com possibilidades efetivas de constituição de sentidos. Vivemos em uma realidade

¹ Recuperado em 25 de março de 2011, de <http://pt.wikipedia.org/wiki/Orkut>

² Recuperado em 25 de março de 2011, de <http://pt.wikipedia.org/wiki/Twitter>

fragmentada e superficial, além de virtual. Nosso mundo é um próprio caleidoscópio “quebrado”, com vidrilhos tão estilhaçados que desfavorecem a formação de imagens passíveis de reconhecimento e apreciação. Mais uma vez recorremos a Minerbo (2009b), que nos atenta que “o sujeito não dispõe dos elementos necessários e suficientes para fazer sentido de si, de suas experiências, e do mundo. Daí o sentimento de angústia, de vazio existencial e de tédio, que têm sido descritos, equivocadamente, como depressão.” (p.42) Tudo isso não se deu pela ascensão da internet e das redes sociais. O ciberespaço é apenas mais um lugar regido pela mesma regra que nos sustenta em qualquer campo: o real.

E quanto ao fascínio dos adolescentes? Produto da mesma lógica que move toda a nossa psique, tal fascínio advém da sociedade espetacular, que cultua a imagem como a coisa-em-si, e o excesso como valor. O que é vivido na relação com a mercadoria e com a máquina se traspõe para as relações humanas. Quase que sem metáfora, ou sem mediação simbólica. E a adolescência é um terreno que consegue absorver com excelência todos os adubos, sementes, resíduos, pragas, fertilizantes, irrigações, que o mundo adulto lhe oferece. Basta que tenhamos olhares e paladares aguçados para apreendermos as novas hibridações que brotam, florescem, e os frutos que elas devolvem ao meio com a aparência e o sabor exatos dessa grande mistura.

Com as análises dos casos desse trabalho, fomos construindo um pensamento sobre a busca identitária desses garotos e garotas. Através de Jhon, Kurt, Mal~Semp, Giovanna e Lucas, buscávamos apreender como se dava o exercício de constituir suas identidades dentro dos sites de relacionamento social. E chegamos ao questionamento: há, ali, espaço para a subjetivação? É possível *ser*, no mundo virtual?

Se considerarmos essas identidades expostas como disfarces, podemos dizer que esses adolescentes estão fazendo uso de suas representações para se constituírem, no mesmo tempo em que vão se des-cobrimo. Porém, questionamos: o que Herrmann (1999b) coloca como disfarce, em sua obra, poderíamos tomar como um interpretante para esses perfis? Acredito

que o conceito de disfarce, para o autor, está mais encontrado com o exemplo dos mascarados, da música de Chico Buarque, não pela máscara em si, que é um acessório possível na arte do disfarce – e nós usamos de outros bem mais sutis no cotidiano – mas por se tratar de personagens que se investem dos seus papéis (Colombina e Pierrôt) “de corpo e alma”, dando um sentido à fantasia, construído no diálogo, assim como faz o árabe Ghonim na sua relação com seu povo e a guerra. Na música não vemos apenas os papéis, criados por um autor-terceiro, mas vemos também os atores. Talvez esses sejam bons atores, conhecedores tanto do roteiro quanto da arte de criar, improvisar. Já os mascarados do mundo virtual parecem atores desavisados, desajeitados nesses papéis tão repetidos, tão prontos que deles mesmos pouco é exigido. Como se não importasse muito quem está debaixo da máscara, não houvesse um teste com o diretor para que fosse escolhido qual ator enriqueceria mais a personagem. A máscara quase que fala por si mesma. Na música há representação. Nos nossos sujeitos, parece prevalecer o ato puro.

Para Herrmann, “o homem que se disfarça está recuperando uma faculdade essencialíssima e aparentemente perdida para sempre, o ato primogênito de sua vida como ser intencional” (1999b, p. 162). Disfarçar-se é, então, exercício fundamental para a construção de um indivíduo. É a reedição do rompimento do cerco das coisas, que o bebê vive através da mentira original, para existir.

Se a existência na rede social não requer muito esforço em direção da criação, ela exige esforços na busca por manter o excesso, com postagens freqüentes, adição de amigos, fotos, e “novidades”. Adição é um termo pertinente, que nos remete agora ao sentido que Herrmann (2003b) utiliza quando fala da adição à adição, vício que não é definido pelo que é ingerido (drogas, comida, identidades), mas pelo “estímulo de realimentação” (p. 4). O fascínio alimenta as páginas virtuais e se alimenta delas. Caso os perfis não sejam alimentados frequentemente, eles e seus donos desaparecem, morrem, caem no esquecimento. Afinal, na

sociedade do espetáculo, é preciso apare-ser para ser. De forma mais exigente, parece ser preciso atingir o absurdo de parar-de-ser para ser.

No contexto em que estão vivendo esses adolescentes, não acredito que não haja espaço para a subjetivação, mas penso que esse espaço esteja limitado. O encontro contratransferencial com o tédio, com a angústia diante da violência brincada, com o choque diante do número excessivo de frases postadas por minuto nas comunidades e perfis, e com os afetos tão desafetados, me ajudou a dar sentido a uma sensação de claustrofobia, como em um afogamento nesse mar de excessos, em que a falta de ar é substituída pela falta de subjetividade, esta que encontra espaços cada vez mais espremidos para sobreviver.

Vejo, porém, uma fresta para a subjetivação, quando até as próprias redes dão brecha para as rupturas. Lucas precisa que o outro autorize sua transmissão via *webcam*. Como o outro não responde instantaneamente, ele experimenta a sensação de que está sozinho. Esse mal estar, mesmo que momentâneo, o coloca mais perto dele mesmo. “Digamos que o ato de criar uma identidade, por mais falsificadora que seja, está mais próximo da representação plena do eu, que o uso constante do amplo disfarce que é a identidade convencional”. (Herrmann, 1999b, p. 162). O adolescente pode passar horas na *internet* (podemos constatar esse fato nos *posts* de Lucas e Giovanna, por exemplo), mas mesmo ali, mesmo que de forma sutil e pouco frequente, abalos identitários são possíveis.

Nas brechas dos programas ou sites, nos atos-falhos digitados, na ausência do outro, nas identidades prontas para consumo que em algum momento podem ir ficando apertadas ou largas demais para uso pessoal, é que esse sujeito diante da tela pode ter a chance de se ver, de se estranhar, e de se reeditar, sempre em relação. A participação da pesquisadora sob um perfil *fake* também provocou um abalo, que teve resposta na transformação da linguagem dos adolescentes para um formato mais narrativo, mais historicizado.

Esse estudo conseguiu vislumbrar mais um desenho do real do que do desejo desses sujeitos, pois contou mais sobre a realidade desses jovens do que de suas identidades. Considerando os disfarces tão superficiais e tão prontos, as identidades fragmentadas *prêt-à-porter* moldados em “tamanho único”, os “rostos” emprestados dos *fakes*, e os ecoísmos nas redes de relacionamento, vislumbramos, ao final desse estudo, um sujeito em condição adolescente, que precisa viver uma guerra civil na própria ilha-cercada-de-mesmos, e lutar pela queda da ditadura da fragmentação-repetição, para que possa emergir uma construção identitária que lhe dê condições de subjetividade e relação.

Desse modo, chegamos à finalização dessa pesquisa sabendo que algumas questões foram sanadas, outras alimentadas – como nas discussões sobre os conceitos de adolescência e de identidade, e a respeito das possibilidades de subjetivação na rede, enquanto outras ainda podem ficar subentendidas, como diz a letra de Lulu Santos. Muitas dessas questões também podem vir a ser interpretadas com novos sentidos por leitores-analistas acampados em outros campos. Todavia, ao chegar aqui, acreditamos ter alcançado o nosso maior intuito: o de construir um pensamento através do método interpretativo sobre a construção identitária adolescente no mundo virtual.

E, em 140 caracteres, um poema para finalizar:

A busca identitária clama pela ruptura constante da constância de ser. Se sou, minto. Falto. Minha desconstrução me faz. Ser é não permane-ser.

Referência Bibliográfica

- Aberastury, A. et al. (1983) *Adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas
- Aberastury, A. & Knobel, M. (1981) *Adolescência normal*. Trad. de Suzana Maria Garagoray Ballve. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Adorno, T. W., (1999) *Conceito de Iluminismo*. In: Textos Escolhidos - Adorno Vida e Obra. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Editora Nova Cultural.
- Bartucci, G. (2001). Entre o mesmo e o duplo, inscreve-se a alteridade. Psicanálise freudiana e escritura borgiana. In G. Bartucci (Org.), *Psicanálise, literatura e estéticas de subjetivação* (pp.369-385). Rio de Janeiro: Imago.
- Bauman, Z. (2005). *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi/ Zygmunt Bauman*; tradução, Varlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Bonamínio, V. (2007) O discurso do adolescente em análise e o esgarçamento do tecido transicional: a mudança de psicopatologia na sociedade contemporânea. In: Revista Brasileira de Psicanálise. V. 41, n. 3, pp. 161-170. São Paulo. Recuperado em 20 de julho de 2011 de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2007000300014&lng=pt&nrm=iso
- Buarque, C. (1967), Noite dos Mascarados. Gravada por Chico Buarque Em: “Chico Buarque de Holanda Vol. II”. (LP/CD). Rio de Janeiro: RGE/ Som Livre
- Bulfinch, T. (2002) *O livro de ouro da mitologia (a idade da fábula): história de deuses e heróis*. Tradução: David Jardim. 26ª Ed. Rio de Janeiro: EDIOURO Publicações S/A.
- Cairolli, P. & Gauer, G. C. (2009) A adolescência escrita em blogs. In: *Estudos de Psicologia*. Campinas v. 26 (2) pp. 205-213 abril - junho 2009
- Calligaris, C. (2000). *A adolescência*. São Paulo: Publifolha
- Campos, A. F. (2007). *O atleta de alto nível e o escudo de Aquiles: analisando a ressonância da subjetividade contemporânea no herói dos campos e das quadras*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, M.G., Brasil.

Carlos, R. & Carlos, E. (1974). Eu quero Apenas. [Gravado por Roberto Carlos]. Em: “Roberto Carlos”, faixa 7 (LP) CBS Records.

Coimbra, C. C.; Bocco, F. & Nascimento, M. L. (2005). Subvertendo o conceito de adolescência. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 57, (1) pp 2-11. Recuperado em 20 de abril de 2010, de <http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/arb/v57n1/v57n1a02.pdf>

Debord, G. (1997). *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.

Eizirik, (2006, setembro) Psicanálise e pesquisa. In: *Revista Brasileira de Psiquiatria*. v. 28 (3) São Paulo.

Erikson, E. H. (1976) *Identidade, Juventude e Crise*. 2a ed. Rio de Janeiro: Zahar Editora. Trad. De Álvaro Cabral.

Fincher, D. (diretor) (2010). *The social network*. [DVD]. EUA: Sony Pictures

Freud, S. (1922). Dois verbetes de enciclopédia. (250-274) *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. 18 (pp. 250-274). Rio de Janeiro: Imago Editora.

Freud, S. (1930a). O mal-estar na civilização. *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. 11. (pp.73-148). Rio de Janeiro: Imago Editora.

Freud, S. (1930b). O futuro de uma ilusão. *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. 11. (pp.15-63). Rio de Janeiro: Imago Editora.

Freud, S. (1969). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia. In J. Strachey (Ed.) *Edição standard brasileira das obras psicológicas e completas de Sigmund Freud*. Vol. 12, (pp.15-108). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1911).

Guimarães, G. G. & Grispun, M. P. S. Z. (2008). Revisitando as origens do termo Juventude: a diversidade que caracteriza a identidade. *Anais da 31ª Reunião Anual da Anped*, Caxambu, MG, Brasil. Recuperado em 20 de julho de 2011, de <http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT20-4136--Int.pdf>

Herrmann, F. (1992) *O divã a passeio: à procura da psicanálise onde não parece estar*. São Paulo: Editora Brasiliense.

Herrmann, F. (1997). *Psicanálise do cotidiano*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Herrmann, F. (1999a). *O que é psicanálise - para iniciantes ou não*. (13a ed.) São Paulo: HePsiché. 153 p.

Herrmann, F. (1999b). *A psique e o eu*. São Paulo: Hepsyché.

Herrmann, F. (2001a). *Introdução à teoria dos campos*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Herrmann, F. (2001b). *Andaimes do real: o método da psicanálise*. (3 ed). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Herrmann, F. (2003a). Psicanálise e política - no mundo em que vivemos. *Revista Trieb*. v. 2 (2) pp. 235-263. Rio de Janeiro.

Herrmann, F. (2003b) Adição à adição. Comunicação oral na I Jornada Promud, em 22 de novembro de 2003.

Herrmann, F (2004) Pesquisando com o método psicanalítico. In: Herrmann, F. & Lowenkron, T. (orgs) *Pesquisando com o método psicanalítico*. (pp. 43-83). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Herrmann, F. & Minerbo, M. (1998) Creme e castigo. In: Minerbo, M. (Org.). *Psicanálise fim do século - ensaios críticos*. v. 1, pp. 19-36 (1 ed). São Paulo: Hacker Editores.

Herrmann, L. (2005) Uma psicanálise brasileira - Fabio Herrmann. *Revista Mente e Cérebro: psicologia, psicanálise e neurociência*. Edição 154. Novembro de 2005.. Recuperado em 15 de julho de 2011, de http://www2.uol.com.br/vivermente/artigos/uma_psicanalise_brasileira_-_fabio_herrmann_imprimir.html

Herrmann, L. (2007) *Andaimes do real: a construção de um pensamento*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Kehl, M. R. (2003) *O espetáculo como meio de subjetivação*. Recuperado em 29 de dezembro de 2010, de www.mariaritakehl.psc.br/PDF/oespetaculocomomeiodesubjetivacao.pdf

Knobel, M., Perestrello, M., Uchôa, D.(1981) *A adolescência na Família Atual – Visão Psicanalítica..* Rio de Janeiro – S. Paulo: Livraria Atheneu LTDA

Lévy, P. (1996). *O que é o virtual?* Tradução de Paulo Neves. – São Paulo: Editora 34.

Lobo, R. A. Á. (2009) *Ensaio sobre o fake: identidade e reconhecimento em uma esfera pública orkutiana*. Artigo científico apresentado ao eixo temático “Redes sociais, identidade e sociabilidade”, do III Simpósio Nacional da ABCiber. III Simpósio Nacional ABCiber - Dias 16, 17 e 18 de novembro de 2009 - ESPM/SP - Campus Francisco Gracioso. São Paulo. Recuperado em: http://www.abciber.com.br/simposio2009/trabalhos/anais/pdf/artigos/1_redes/eixo1_art45.pdf

Lowenkron, T. S. (2005). A investigação psicanalítica está ameaçada de extinção?. *Revista Brasileira de Psicanálise* v 39 (3) pp. 159-169. São Paulo.

Mezêncio, M. S. (2004, junho). Metodologia e pesquisa em psicanálise: uma questão. *Psicologia em Revista*, v.10, n. 15, pp. 104-113..Belo Horizonte

Minerbo, M. (2000). *Estratégias de investigação em psicanálise: desconstrução e reconstrução do conhecimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Minerbo, M. (2003). O método psicanalítico em Freud. *Revista Brasileira de Psicanálise*. V 37 (2/3) pp. 01-10.

Minerbo, M. (2009a, Jan/Fev/Mar). Depleção Simbólica e sofrimento narcísico contemporâneo. In: *Contemporânea - Psicanálise e Transdisciplinaridade*, n.07. Porto Alegre Recuperado de www.contemporaneo.org.br/contemporanea.php

Minerbo, M. (2009b Jan/Fev/Mar) A fragilidade do símbolo: aspectos sociais e subjetivos. In: *Contemporânea - Psicanálise e Transdisciplinaridade*, Porto Alegre, n.07. Recuperado de www.contemporaneo.org.br/contemporanea.php

Outeiral, J. (2008) *Adolescer*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Revinter

Raleiras, M. (2007, agosto) Recessões de A vida no ecrã. A identidade na era da internet, de Sherry Turkle. In: *Sísifo/ Revista de Ciências da Educação* n.3. Recuperado em 16 de fevereiro de 2011, de <http://sisifo.fpce.ul.pt>

Rolnik, S. (1997) “Toxicômanos de identidade. Subjetividade em tempo de globalização”, In: *Cultura e subjetividade. Saberes Nômades*, org. Daniel Lins. pp.19-24, Campinas: Papirus.

Romera, M. L. C. (2002). Postura interrogante-interpretante: por quem os sinos dobram???. (47-57). In: Leda Maria Codeço Barone; Andrea Giovannetti; Leda Herrmann; Marilsa Taffarel; Rubia Mara do Nascimento Zecchin. (Org.). *O Psicanalista: hoje e amanhã O II Encontro Psicanalítico da Teoria dos Campos por escrito*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Roza Júnior, J. A. (2009). *As inter-relações na adolescência: a máquina in-corporada e a virtualidade contemporânea*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, M.G., Brasil

Sant, G. van (realizador) (2007). *Paranoid Park* [DVD]. França/ EUA: Tartan Films

Santos, B. S. (2002) *Um discurso sobre as ciências*. (13ª Ed). Porto: Afrontamento.

Santos, L. & Motta, N. (1992). Apenas mais uma de amor. [Gravado por Lulu Santos] Faixa 5 do Álbum: “Mondo Cane”.

Sauret, M-J (2003) A Pesquisa Clínica em Psicanálise. *Psicologia USP* vol. 14 n. 3 São Paulo. Recuperado em 15 de fevereiro de 2011, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642003003000009

Violante, M.L.V. (2000). Pesquisa em Psicanálise. In: Pacheco Filho, R. A., Coelho Junior, N. & Rosa, M. D. (orgs) *Ciência, Pesquisa, Representação e Realidade em Psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo. EDUC. (pp 109-117)

Wunenburger, J. J. (2006, julho/ dezembro). O arquipélago imaginário do corpo virtual. *Alea: Estudos Neolatinos* 8 (2). Rio de Janeiro